Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



GLORIA JEAN, a talentosa actrizinha que Filmes Alcântara vão apresentar em «TRAQUINA QUERIDA»

2.ª SÉRIE — N.º 20 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 24 DE MARÇO DE 1941 — PREÇO: 1$50



PRIMEIRO PRÉMIO DE INTERPRETAÇÃO FEMININA DE 1940

UMA DAS CINCO MELHORES REALIZAÇÕES DE 1940

UM DOS DEZ MELHORES FILMES PRODUZIDOS EM 1940

Classificações da ACADEMIA AMERICANA

A HISTORIA REAL DA VIDA DUMA MULHER



Ginger Rogers em KITTY

A rapariga da gola branca

(KITTY FOYLE)

RKO RADIO FILMS

UMA SUPER-PRODUÇÃO DE GRANDE CATEGORIA CINEMATOGRÁFICA QUE NOS CONTA A HISTÓRIA DUMA RAPARIGA, SIMPLES E SEM AMBIÇÕES, QUE VIVE DO SEU TRABALHO E DUM AMOR INFELIZ QUE UM DIA LHE VEIO ILUMINAR A EXISTÊNCIA!...

UMA HISTÓRIA QUE O CINEMA FOI BUSCAR À REALIDADE DA VIDA!

Realização de SAM WOOD

Um filme que ficará como uma das mais sensacionais produções de 1941

2.ª série N.º 20 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

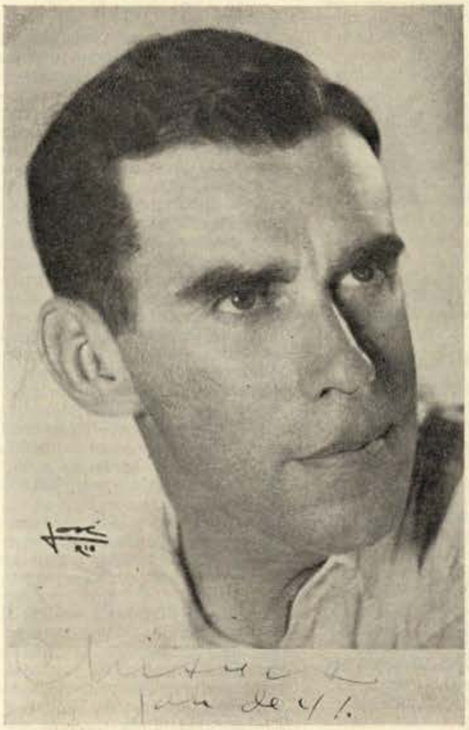
Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

24 de Março de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA



CHIANCA DE GARCIA

Terminou no Brasil o Filme «24 HORAS DE SONHO»

O realizador português da «Aldeia» e do «Trevo» prossegue a sua correira no Rio de Janeiro. No seu novo filme, colaborou com Joracy Camargo, o dramaturgo autor da peça «Deus lhe pague!» que tanto êxito alcançou em Lisboa, interpretada por Procópio.

Depois da «Aldeia da Roupa Branca», Chianca de Garcia poude satisfazer um sonho que lhe era caro e seguir para o Brasil, tentar o cinema, onde viu campo vasto para satisfazer a sua actividade. Em boa hora partiu, visto que, como é do domínio público, a «Aldeia da Roupa Branca» teve êxito em terras de além-mar e Chianca encontrou, por êsse facto, mão amiga que o guiasse e lhe desse os meios de produzir.

Conhecemos já o resultado da sua primeira tentativa cinematográfica no Brasil. A crítica dividiu-se é certo, mas o filme devia encerrar qualidades, a julgar pelas opiniões dessa mesma crítica e pelo facto de Chianca de Garcia ter sido logo escolhido para dirigir outra obra.

«Pureza» tinha um senão: o carácter não-cinematográfico da obra imposta ao realizador, mas a-pesar disso Chianca de Garcia rodeou, conforme poude, o escôlho, e obteve o agrado dos produtores para se abalançar a nova produção.

Chama-se esta última «24 horas de sonho» e já deve ter sido estreada, a estas horas, no Rio de Janeiro.

A História

«24 horas de sonho» é uma comédia amável e risonha, destas que fazem a delícia da platéia pela graciosidade e delicadeza do enrêdo, feliz encadeamento das situações e bom humor dos diálogos.

Decorre na actualidade, em meios citadinos, arejados, de amplas perspectivas, enquadrando-se no âmbito da vida moderna — o que serve de pretexto para vários motivos espectaculares muito do agrado das platéias.

É um filme a um tempo brasileiro e internacional. Brasileiro pelo ambiente e pela psicologia das paisagens, internacional pela história e pela forma como ela está contada.

Pormenores, não revelamos. Se um dia «24 horas de sonho» vier a Portugal, é conveniente que o público não conheça por completo o que vai ver.

Os protagonistas

A protagonista do filme de Chianca de Garcia é a actriz Dulcina, nome sem dúvida familiar àqueles que acompanham o movimento artístico brasileiro.

Dulcina é—sem sombra de reclamo—uma grande actriz.

Gente do nosso teatro, conhecedora da sua arte, disse-nos já que Dulcina constitui um autêntico valor do tablado brasileiro. Saber, intuição, inteligência, vontade, — tudo se reune nesta mulher que Chianca de Garcia escolheu para primeira figura feminina de «24 horas de sonho».

O seu parceiro é o actor Odilon Azevedo, também considerado um dos astros de primeira grandeza do teatro brasileiro.

Outro elemento importante é Moreira da Silva. O nosso público conhece-o, embora talvez se não recorde dêle. Viu-o, pela primeira vez, fugidiamente, no «Trevo de quatro fôlhas». Chamam-lhe o «az do samba». Com êle se completa o trio principal do novo filme de Chianca.

— Vejo no filme apenas uma ocasião para me apresentar aos meus admiradores — disse Moreira da Silva a um jornalista — mas não tenho a ambição de ir para Hollywood.

A equipa compõe-se de...

Não é muito grande a equipa de «24 horas de sonho». Vemo-la reünida numa das fotografias que ilustram esta página.

Chianca de Garcia trabalhou com o escritor Joracy Camargo, autor do argumento e dos diálogos e, além dos protagonistas já citados, trabalhou com o actor cómico Pena. Na parte técnica, os seus principais colaboradores são o operador Fanto (que foi assistente de Goldberg no filme «A Revolução de Maio») e o caracterizador português Fernando de Barros.

O operador Aquilino Mendes não trabalhou, desta vez com Chianca de Garcia, pelo facto de estar a filmar para outra emprêsa.

Final

É curioso salientar que, pela primeira vez, se conseguiu reünir num filme os artistas Dulcina, Odilon e Moreira da Silva.

Curioso também é salientar que a carreira cinematográfica de Chianca de Garcia parece definir-se e ganhar um aspecto de continuidade — dessa continuidade tão necessária a qualquer profissional.

Congratulamo-nos com o desenvolvimento que o cinema brasileiro está a tomar e, bem assim, felicitamo-nos pela carreira de Chianca de Garcia, cujo último trabalho deve já ter sido visto e analizado, a esta hora, pela crítica cinematográfica do Rio de Janeiro.



Durante as filmagens de «24 horas de sonho», fez-se êste grupo em que vemos, da esquerda para a direita: Odilon, Joracy Camargo, Chianca de Garcia, Dulcina, o assistente de operador, o actor cómico Pena, o operador Fanto e o caracterizador Fernando de Barros

OS RESULTADOS COMPLETOS DA ACADEMIA

e o que se passou no banquete do BILTMORE BOWL

Já hoje podemos dar os resultados completos do concurso anual da A. M. P. A. S. (Academy of Motion Pictures Arts and Sciences) de Hollywood. Os resultados principais demo-los no nosso número de 3 de Março, resalvando futura confirmação. Razão tínhamos para o fazer, pois o primeiro telegrama recebido dava incorrectamente o nome e a categoria de um dos laureados: Ann Bockins, que se chama efectivamente Ann Bauchens, e que ganhou o prémio da melhor montagem e não o do argumento original, como se entendia do telegrama, pelo seu trabalho em «Os Sete Cavaleiros da Vitória», para a Paramount. Todos os restantes são exactamente conforme os publicámos.

Alguns já foram por nós comentados largamente. Outros, de que só agora tivemos conhecimento, também merecem comentário. Assim, Walter Brennan ganhou pela terceira vez o prémio do Actor Secundário pela sua actuação em «The Westerner» (A Última Fronteira), que a Sonoro Filme vai apresentar brevemente em Lisboa. O vencedor do ano passado foi Thomas Mitchell, que agora admiramos em «Tormenta a bordo», pela sua interpretação do dr. Boone em «Cavalgada Fantástica». A actriz secundária premiada êste ano foi a grande Jane Darwell, o que vem confirmar o óptimo critério que êste ano presidiu à eleição.

Os fotógrafos vencedores são dois admiráveis *cameramen:* o americano Georges Barnes e o francês George Périnal, que foi o operador dos melhores filmes de René Clair. A trindade Clair-Meerson-Périnal (realizador, decorador e operador) constituiu equipa tão notória como o célebre terceto russo Eisenstein-Alexandrov-Tissé.

A melhor canção de 1940

Muito nos alegraram os resultados que se verificam no capítulo musical. Justíssima a distinção conferida à partitura original de «Pinocchio» e não menos justa a que destaca a adaptação musical de Alfred Newman (outro «arrematador» crónico dos prémios académicos) em «A Vida é uma Canção!» *(Tin Pan Alley),* de que damos a crítica neste número. A melhor canção do ano de 1940 foi a romântica «When you wish upon a star», que o Sr. Grilo cantava logo na abertura de «Pinocchio». Estas duas distinções ao filme de Walt Disney devem consolá-lo de não ver, por abstenção voluntária, nenhum dos seus desenhos premiados. Mas o nosso palpite não falhou, quando profetizámos que «Milky Way», a impagável «Leitaria Celeste», ficaria bem colocada, pois ganhou o «Oscar» da sua categoria.

«Quicker'n a Wink» de Pete Smith para a M. G. M. e «Teddy the Rough Rider», os complementos vitoriosos, ainda não foram vistos em Portugal e não estão marcados para esta época.

Os jornais corporativos americanos destacam justamente o facto de todos os prémios fotográficos dos últimos anos terem sido ganhos por filmes que empregaram película Eastman Kodak, a grande firma de celebridade mundial.

OS VENCEDORES

O MELHOR FILME

«REBECCA», David O. Selznick, U. A.

AS MELHORES INTERPRETAÇÕES

Actor: JAMES STEWART em «The Philadelfia Story», M. G. M.
Acriz: GINGER ROGERS em «Kitty, a Rapariga da Gola Branca» (Kitty Foyle), RKO.
Actor secundário: WALTER BRENNAN em «A Última Fronteira» (The Westerner), U. A.
Actriz Secundária: JANE DARWELL em «The Grapes of Wrath», 20th-Fox.

A MELHOR REALIZAÇÃO

JOHN FORD por «The Grapes of Wrath».

O MELHOR ARGUMENTO ORIGINAL

BENJAMIN GLAZER e **JOHN S. TOLDY** por «Arise my Love», Paramount.

A MELHOR ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA

DONALD OGDEN STEWART por «The Philadelfia Story», M. G. M.

A MELHOR PLANIFICAÇÃO ORIGINAL

PRESTON STURGES por «The Great McGinty», Paramount.

A MELHOR FOTOGRAFIA

A preto e branco: GEORGE BARNES por «Rebecca», U. A.
A côres: GEORGE PERINAL por «O Ladrão de Bagdad» (The Thief of Bagdad), Korda-U. A.

A MELHOR MONTAGEM

ANNE BAUCHENS por «Os Sete Cavaleiros da Vitória» (North West Mounted Police), Paramount.

AS MELHORES DECORAÇÕES

A preto e branco: CEDRIC GIBBONS e **PAUL GROESSE** por «Orgulho e Preconceito» (Pride and Prejudice), M. G. M.
A côres: VNCENT KORDA por «O Ladrão de Bagdad», U. A.

O MELHOR SOM

DOUGLAS SHEARER por «Strike up the Band», M. G. M.

A MELHOR PARTITURA ORIGINAL

LEIGH HARLINE, PAUL J. SMITH e **NED WASHINGTON** por «Pinocchio», Disney-RKO.

O MELHOR ACOMPANHAMENTO MUSICAL

ALFRED NEWMAN por «A Vida é uma Canção» (Tin Pan Alley), 20th-FOX.

A MELHOR CANÇÃO

«WHEN YOU WISH UPON A STAR», de Leigh Harline e Ned Washington, em «Pinocchio», Disney-RKO.

OS MELHORES TRUQUES

Fotográficos, de **LAWRENCE BUTLER**, e sonoros, de **JACK WHITING**, em «O Ladrão de Bagdad» (The Thief of Bagdad), Korda-U. A.

OS MELHORES COMPLEMENTOS

O melhor Desenho Animado: «LEITARIA CELESTE» (Milky Way), M. G. M.
O melhor filme em 1 parte: «QUICKER'N A WINK», Pete Smith, M. G. M.
O melhor filme em 2 partes: «TEDDY THE ROUGH RIDER», Warner Bros.

PRÉMIOS ESPECIAIS

BOB HOPE, da Paramount, pelos serviços desinteressados que prestou à indústria cinematográfica.
MAJOR NATHAN LEVINSON pelos serviços excepcionais prestados à indústria e ao exército durante os últimos nove anos o que tornou possível e facilitou a actual mobilização da indústria cinematográfica para a produção de filmes de instrução militar.

PRÉMIOS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS

TWENTIETH CENTURY-FOX pela concepção e construção da Câmara Silenciosa «20th CENTURY», devida a **DANIEL CLARK, GROVER LAUBE, CHARLES MILLER** e **ROBERT W. STEVENS.**
Ao Departamento Cenográfico da **WARNER BROS**, e a **ANTON GRANT** menção honrosa pela concepção e aperfeiçoamento das máquinas imitativas dos efeitos visuais do mar.

Não foi distribuído êste ano o PRÉMIO IRVING THALBERG destinado ao produtor individual a quem se deva a produção dum filme excepcional.

Um discurso do Presidente Roosevelt

O banquete dêste ano, o décimo terceiro da série (e mais uma vez se provou que o 13 não é número de azar, mas sim de sorte, atendendo ao brilho dos resultados), ficará memorável na história da Academia. Pela primeira vez, um presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, dirigiu-se directamente à indústria cinematográfica, por intermédio dum discurso que durou seis minutos e que foi transmitido radiofònicamente para o Biltmore Walter Wanger, presidente da da República foi anunciado por Bowl. O «speech» do Presidente Academia, e salientou a importância actual da cinematografia «fenómeno da nossa própria geração», em especial da cinematografia americana «fôrça nacional e internacional» que considera como a melhor arma ao serviço da solidariedade nos Estados Unidos.

Para os que ainda julgam o Cinema uma brincadeira de rapazes, talvez êste acontecimento lhes dê um tanto ou quanto que pensar.

Depois do discurso presidencial, Bette Davis aproximou-se do microfone e transmitiu-lhe, também radiofònicamente, os agradecimentos sinceros e comovidos dos técnicos e artistas de Hollywood. Em seguida, Judy Garland cantou a linda canção «América, I love you!» que ouvimos agora, cantada por Alice Faye, no filme «A Vida é uma Canção!»

A entrega dos prémios

Foram sucessivamente entregues os prémios da montagem (uma placa), do som, dos truques, da decoração, os prémios técnicos, os fotográficos, os musicais, os literários, etc.

Frank Capra introduziu os realizadores candidatos. O único ausente, John Ford, foi o premiado.

Foi Mervyn Le Roy quem entregou a David O. Selznick a estatueta correspondente a «Rebecca».

Walter Wanger apresentou então duas celebridades, Alfred Lunt e Lynn Fontanne, encarregados de entregar os «Oscars» aos actores e actrizes premiados. Fontanne entregou a estatueta de oiro a Jane Darwell e depois a Ginger Rogers, que foi aclamadíssima.

Muito comovida, com os olhos rasos de água, Ginger deu um admirável espectáculo de modéstia e de gratidão.

Walter Brennan e James Stewart foram então contemplados. Tôda a assistência — que se elevava a 1.300 pessoas, das quais apenas 200 convidados — aclamou longamente os triunfadores, dando assim o concenso unânime dos resultados.

E outro tanto fazemos nós, desta modesta varanda portuguesa, onde nos prezamos de amar muito a arte das imagens vivas e todos os que a sabem servir bem.

O Cinema e os maus costumes

São os costumes que corrompem o Cinema e não o Cinema que corrompe os costumes — dizem-nos três ilustres eclesiásticos

Neste homem, alto como um Cristo da imaginaria espanhola, doce como aquele franciscano lisboeta que foi Santo António, há um conjunto assombroso de tons em marfim velho na face viva e simples; e de negros acinzentados tais, que sòmente os pincéis de «El Greco» poderiam, talvez, reflectir numa das suas telas eternas.

É franciscano. Na Ordem, Frei Ambrósio. No século, padre Manuel Alves Correia. Conheci-o em Tuy, com um sarrafo nas mãos, pelas tardes, quando todos, quere os irmãos professos quere os leigos, cuidavam em completar o seu Colégio de Santo António de Lisboa. De manhã, ensinava teologia e filosofia. Outros freires perpassavam na cêrca, desde o provincial, que nessa época como hoje, era o padre Teófilo — austero, afável e digno num perfil de fidalgo; até ao padre Leonardo de Castro — inquieto, sempre, com o retoque do último sermão. Baixinho, cheio de vida, passava o tempo entre a Galiza e a Sé bracarense. A última invernia, furtou-lhe a vida.

Vamos, pois, direitinhos ao objecto da entrevista:

— Desejo a sua opinião sôbre um ponto de «casuítica» dos nossos dias: — São os maus costumes que produzem o mau cinema; ou é o mau cinema causa de maus costumes?

— Tanto faz dar-lhe na cabeça como na cabeça lhe dar. O mau cinema, por sua origem e natureza, pertence ou vai de roldão com os maus costumes... «civilizados».

— Mas, qual é maior: — a influência dos maus costumes para o cinema ou a do cinema para os maus costumes?

— O mesmo líquido em vasos comunicantes. Agite o «assunto». Mexa e remexa a matéria quanto queira. Por fim, o líquido fica nos tubos comunicantes do mesmo nível.

— Como bom moralista, não acha que é oportuno, se não necessário, verberar o mau cinema e denunciar seus malefícios?

— Encontro mais acertado julgar contra os maus costumes. De um modo geral, as coisas de Arte, em relação à Moral, são meros «epifenómenos». O mundo é macaco muito velho. Muito velho e... muito macaco. Não se deixa levar por ilusionismos. Tendo rilhada a carne nos dentes, não a larga para se atirar à água, a-fim-de caçar ou pescar a imagem dessa mesma carne. Os maus cistumes tentam como a carne; ora, o cinema, só dispõe da imagem que o cão, na fábula de Esopo, apenas viu na água... Lembre-se, meu amigo, que o cão de Esopo, cão êsse que, por sinal, era cadela, é o símbolo da máxima ingenuidade. A estas horas, e a respeito do grande público, a ingenuidade é fingimento; é sarnice; é hipocrisia.

Após a flagelação franciscana do padre Manuel Alves Correia, aqui inserimos a resposta que, à mesma pregunta inicial, deu aos leitores do «Animatógrafo» o respeitado reverendo padre jesuíta Eugénio Jalhay na qualidade de Assistente Geral da Juventude Escolar Católica:

— O cinema, no dia de hoje, pela extensão que tomou e tende a tomar cada vez mais, tornou-se uma «necessidade» citadina. É a distracção de todos, ricos e pobres. Circunscrevendo-me à classe que mais de perto tenho acompanhado, posso afirmar que a juventude sente também essa necessidade de descanso, do merecido repouso das suas labutas escolares. Mas o que ela deseja é que tal descanso, fazendo-lhe bem ao corpo, lhe não faça mal ao espírito. Ela sabe por experiência que a acção influente do cinema é muito grande. Tão grande, que alguém a comparava há pouco à da agulha das estações do caminho de ferro. Parece que não é nada... mas do pequeno e quási imperceptível desvio que lhe imprime o agulheiro, depende a saída normal do combóio com uma viagem feliz ou então uma catástrofe talvez irremediável. Assim sucede com o «mau» cinema. Mas, repare-se bem, não é contra o cinema que protestamos, os católicos, é contra o «mau» cinema. O cinema, como aliás o teatro, a imprensa, a literatura, a arte em geral, é indiferente para o bem e para o mal. A maldade humana é que se serve dêle, com meio poderossíssimo, para os seus fins depravados. Hája mais moralidade na vida, fomentem-se devidamente os bons costumes, crie-se um ambiente são, e o cinema deixará de ser nas mãos dos homens um instrumento de preversidade.

O padre Joaquim Alves Correia, freire do Espírito Santo, dez anos missionário em Angola e Congo, é irmão do reverendo Manuel Alves Correia quere no sangue, quere na vocação monástica e missionária. Êle, e os seus irmãos de Ordem, evangelizam Angola e Congo; tal qual os franciscanos Moçambique e Guiné. Autor de um livro notável, «A largueza do Reino de Deus», o humilde frade do Espírito Santo recebe-nos com a habitual efusão. Pensa no têma que lhe propomos, pede-nos que voltemos dias passados à Residência que em Lisboa mantém, e, depois da entrevista com frei Domingos Vieira Baião, também do Espírito Santo, publicada no número 16 de «Animatógrafo», correspondente a 24 de Fevereiro passado, diz-nos:

— Parece-me que nem o mr. de La Palisse poderia ser de opinião diferente: — é claro que são os maus costumes que se reflectem sôbre a Arte. Esta, documenta. Aqueles, são os modelos necessários à compreensão posterior da época ou do facto a interpretar.

— ?...

— A cinematografia é corrompida tal qual a divina Poesia; a Música, única linguagem universal; ou a Pintura e a Escultura. A própria natureza humana tem fases de corrupção, logo seguidas de outras em que todos anseiam por uma maior perfeição. O próprio amor humano anda alterado e ninguém, por isso — excepto os heréticos Maniquens — vai concluir que a Natureza é diabólica e o Amor pecaminoso.

— Nessas condições...

— O Cinema há-de sempre reflectir a imagem moral, não só dos autores e actores mas, também, do público, que os aprecia. Se a época é caracterizada por costumes puros e sadios, o público, como primeira reacção, repelirá a peste que alguns autores mórbidos lhe queiram propagar. Pelo contrário, se o público, corroido pelas falsas miragens do vício, preferir estas àquelas, no Cinema como na Pintura ou na Música, registar-se-á um colapso dos bons sentimentos, vencidos pelo extravagar de paixões imundas.

É claro — completa o nosso respeitável interlocutor — que, embora corrompido o Cinema, sob certos aspectos, pelo mau gôsto da gente pobre de espírito ou dominada por maus costumes, tal corrupção sòmente servirá para apressar a defesa orgânica dos débeis. Por isso é que os norte-americanos, autênticos universalizadores do Cinema, são hoje em dia os mais enérgicos fiscalizadores da sua produção. Elevada é a percentagem dos filmes que, escorraçados da Cinelândia pela fiscalização federal «yankee», se vieram refugiar na Europa — mais parva e menos acautelada...

O padre Joaquim Alves Correia, termina:

— Numa palavra: os filmes são como o papel. A coisa mais inocente ou cândida dêste mundo, deve ser rodeada das maiores precauções a-fim-de os resultados não serem opostos à boa vontade do escritor ou realizador.

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

«As Mãos e a Morte»

O filho do célebre Lon Chaney. — Lon Chaney Júnior — tem no filme «As Mãos e a Morte» que «Animatógrafo» e a Sonoro-Filme vai apresentar uma extraordinária interpretação



A PÁGINA DOS NOVOS

Os novos, assíduos colaboradores desta página que «ANIMATÓGRAFO» lhes reservou, têm vindo até nós apoiar a nossa campanha a respeito do intervalo a meio dos filmes. Além do abaixo assinado com cem assinaturas que nos chegou do Pôrto — conforme já noticiámos — recebemos esta semana, do «Par Invisível», um documento com cento e trinta assinaturas de entidades que reclamam a supressão do intervalo a meio dos filmes, e de vinte e dois alunos da Escola Académica da capital do Norte, outras tantas assinaturas pedindo a extinção do referido corte.

O número de adesões por escrito eleva-se a algumas centenas.

Manifestam-se os novos, ou seja aqueles que consttiuem a percentagem principal das plateias que enchem os cinemas. Ainda bem!

Reünimos hoje alguns artigos que alguns novos nos enviaram e, abrindo uma excepção sem exemplo, publicamos uma gazetilha dum leitor espirituoso que glosou o mote do 2.º intervalo.

Uma campanha útil

Duas palavras bastariam para comprovar o meu entusiasmo pela magnífica e útil campanha encetada contra o intervalo a meio dos filmes. Todavia, a leitura de uma inocente crítica inserta no «Diário de Lisboa» sôbre o filme «Tormenta a Bordo» sugere-nos mais algumas. Devo dizer que nunca monosprezei a opinião alheia. Pelo contrário! Entendo até que, principalmente em questão de Arte, é sempre útil a polémica, quando a ela preside a autoridade dos contraditores — e desde que estes se mantenham sempre dentro do campo da correcção e do respeito mútuo. Respeito, portanto, a opinião do vizinho. Desejaria, contudo, que «Visor 40» — autor da referida crítica — firmasse a sua defesa do segundo intervalo em razões de ordem artística tendentes à valorização do espectáculo. Queria que me explicasse porque se há-de cortar ao meio uma obra, boa ou má, que foi realizada para se analizar inteira.

Mas o que não compreendo é que se pretenda impor o 2.º intervalo, apontando como única razão a necessidade duns momentos de conversa, entre duas fumaças, para que dessa troca de impressões resulte com mais facilidade a ideia crítica.

Vi o filme de John Ford numa assentada e não me fatiguei, nem me faltou o ar. Agarrei-me a êle desde a primeira à última cena, e só desejei que ninguém suspirasse para que o pudesse sentir melhor. Não precisei de tomar fôlego para considerar «Tormenta a Bordo» como uma obra-prima do Cinema. Como não preciso de tomar fôlego para garantir que o público não reagirá perante aquele filme, antes abandonará êste filme, como abandonou tôdas as obras de envergadura que o Cinema nos tem dado.

E isso acontece porque, entre outras razões, a maioria da crítica, nunca cumpriu o dever que lhe impõe, de educação, estímulo e selecção. Espalhou-se de tal forma a desorientação entre o público, consentiu-se tanto na propaganda desenfreada à mais insignificante produção do Cinema que dificilmente êle hoje reagirá e acreditará nas maravilhas que se apregoam, das autênticas obras valiosas do Cinema.

Agora que se pretende acabar com o 2.º intervalo para que se crie uma unidade artística ao espectáculo; que se lança corajosamente a ideia de fazer exibir, propagandear e elevar as obras-primas do Cinema; que se abre a porta a todos que talento tenham para falar da mesma; que se estabelecem prémios tendentes a seleccionar as obras exibidas, deve-se estabelecer um critério de orientação tendente a criar nos espíritos um sistema de educação cinéfila.

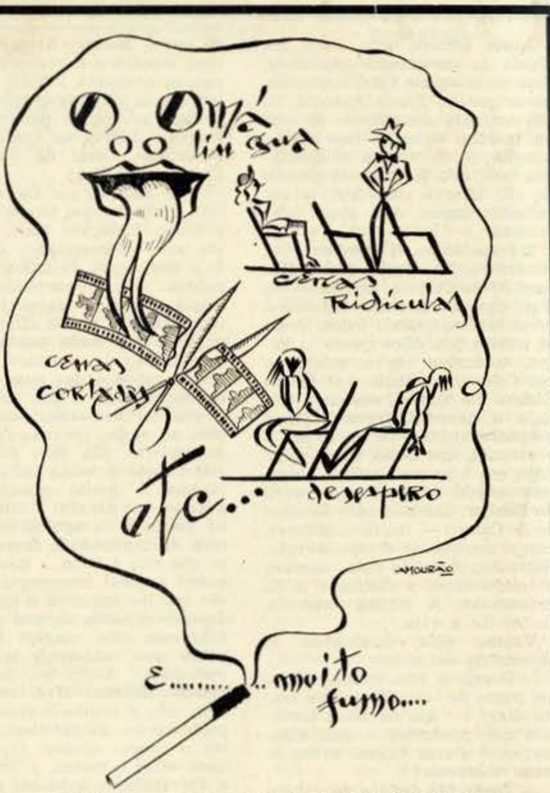
Há público que só aprecia o *Cinema de bonecos*, como há público ávido de assistir a exibições como «Tormenta a Bordo». O que é preciso é que êsse público seja habituado a distinguir onde existe o belo, o bom, o mau, o péssimo.

E isso só acontece quando se criar uma «élite» cinéfila salutar e consciente. E essa «élite» será constituída no dia em que todos se compenetrarem da verdadeira missão que a cada um compete.

«Animatógrafo», é hoje o baluarte mais forte da orientação cinéfila. Todos os que prezam o Cinema estão gratos pelo desassombro com que defende as suas mais pequenas aspirações. Continue pois a sua obra que terá sempre o apoio firme e desinteressado de todos.

SILVA BRANDÃO

Os Novos e o Segundo intervalo



O 2.º intervalo visto por A. Mourão, do Pôrto

INQUÉRNG, em «O SOAL -U. A.

Segund OS MEI feito por mim, qu ɔrter amador, prior Desenho Ano de qualquer e. G. M. grande necessidelhor filme em lanto antes o inM. G. M. lo no meio dos nelhor filme em

— De vinte pessoas, catorze são de opinião ser uma barbaridade cortarem a projecção para exporem o irritante «Intervalo»; quatro são indiferentes ao assunto; e... as duas restantes acham ser incompreensível acabar-se com êle.

E entretanto, os Senhores Empresários, segundo os recentes depoimentos expostos no «Animatógrafo», por intermédio dos artigos sob o tema «A nossa campanha», são do parecer ser quási impossível, senão impossível (salvo algumas excepções) reduzir ao silêncio o segundo intervalo...

Eu não quero discutir, de maneira alguma, as opiniões dos outros; no entanto, sempre gostaria que os Senhores Empresários experimentassem assistir um dia, a uma sessão de Cinema na plateia, como simples espectadores. Tenho a certeza de que ficariam visivelmente surpreendidos com a irritação do público ao ser cortado o «filme de fundo», precisamente quando mais estava a interessar.

Creiam: o mal está em o público ser passivo no seu descontentamento, ou seja: «35 por cento protesta intimamente; mas 50 por cento limita-se a dizer para o colega «mas que massada!»

No entanto, visto por alto, não se depreende de facto, acção alguma de protesto!...

Acedem-se as luzes e, o público, mártir resignado, esquece a ingratidão dos Empresários...

Consola-nos porém, o que lemos assinado por António Lopes Ribeiro no número 16, em que alvitra uma maneira algo original, de resolver êsse problema: ser o «réu» julgado por meio de votações — de facto, um autêntico «processo tira-teimas!»

Desta maneira, é incontestável ser julgado com pena de morte o segundo intervalo... Não resta dúvidas!

O público decidia com maioria esmagadora a morte do réu, tenho a certeza.

Guilherme A. Ramos Pereira

Abaixo o intervalo!

Abaixo o intervalo!
Aqui diz mais um.
Fazei por matá-lo
Com balas dum-dum.

Abaixo o intervalo,
Corruptor das fitas!
É justo tirá-lo
Do meio das ditas.

Abaixo o intervalo!
Que ninguém o tema;
Toca a desancá-lo
Em qualquer cinema.

Abaixo o intervalo!
Para muitos grato
Pelo «snob» regalo
De mostrar o fato.

Abaixo o intervalo!
Que, p'ra ver senhoras,
Há sempre «intervalos»
A tôdas as horas.

Abaixo o intervalo,
A bem ou a mal!...
(Só falta enterrá-lo
Com responso e cal).

HUMBERTO JOÃO

CINEMA PORTUGUÊS

O CINEMA NACIONAL E OS ESPÍRITOS APRESSADOS

Destruir é mais fácil que construir — construir leva mais tempo. Por isso o espírito apressado tem predisposição para destruir.

Como se exterioriza o espírito apressado? Critica, impacienta-se — e descrê.

Não se julgue que as pessoas animadas (desanimadas...) de espírito apressado são, como agora se diz, dinâmicas. Nada disso. O dinamismo requere ponderação, um sentido, concentração de esforços...

Não. Essas pessoas nunca aparecem nos bastidores, quanto mais no palco! Não andam pelos andaimes, nem descem até caboucos.

Enfim, jàmais prestam a sua assistência: limitam-se a assistir. É muito mais cómodo! Mas tira-lhes uma grande parte da autoridade com que pretendem apresentar-se.

* * *

O Cinema Nacional — o assunto n.º 1 do «Animatógrafo» — caiu inevitàvelmente na alçada da crítica dos espíritos apressados.

De que o acusam? De caminhar devagar, e mal.

Afigura-se-nos que, ao contrário, tem havido por vezes precipitação e que a jovem arte, a-pesar-de não ter nascido entre nós em bêrço de oiro, está longe de precisar de se recolher a um sanatório americano...

Criticar é julgar (e mais do que isso), e ninguém julga sem cuidar dos antecedentes da questão. Nós levámos êsse princípio ao ponto de ajuizar de que há, por detrás do queixoso, espírito apressado.

Analisemos agora, ainda que sucintamente, o que se passa com o réu.

* * *

Não há país algum do mundo que se alheie hoje do Cinema, como manifestação de espírito, de arte que é, sem necessitar de pedir licença a ninguém.

E em cada um dêles, por minguadas que sejam as respectivas populações, por mais parcos os recursos disponíveis, ergue-se, a maior ou menor altura, *um Cinema nacional*, com a língua e o carácter «da casa». Portugal não faz excepção.

(¿Qual a actividade humana que não encontra éco no espírito universalista dos portugueses? ¿Qual a arte ou ciência que não conta entre nós quem a sirva?)

Ao lado do Cinema brasileiro, espanhol, francês, belga, criou-se o Cinema português. Com tantas condições de êxito, pelo menos, como as que aqueles poderão ambicionar.

Chegámos tarde — mas sòmente em relação às produções americana e francesa.

E como o Cinema depois de ser arte é também indústria, forçoso se torna saber esperar pela organização desta, dar tempo ao tempo, mesmo que isso custe às pessoas que abrem uma loja e querem receber os primeiros lucros quinze dias depois. Com tamanha pressa, não se chega a parte alguma!

Quando surgiu o sonoro, o Cinema português não tinha ainda idade para falar...

— «Vai morrer, coitadinho!» logo disseram os espíritos apressados.

Hoje fala. Certos desiquilíbrios, certas fífias explicam-se perfeitamente: está na idade de mudar de voz...

* * *

Como as suas responsabilidades são grandes, não deixemos passar em claro as travessuras, ou mesmo as garotices, do jovem Cinema nacional. Mas chamar-lhe, quando êle prevarica, incorrigível, pouco esperançoso, indesejável, não nos parece bom critério de educação. (É capaz de acreditar).

Se quisessemos concretizar tudo o que precede, quanto haveria que dizer!

Mas o espaço mal nos permite que acabemos por contar a impressão de contentamento que nos causou a exibição da «Buterfly» cantado pela Maria Cebotari.

Linda voz e música de Puccini.

¿E o resto nado e criado nos magníficos estúdios italianos?

O leitor que viu o filme, que formou uma opinião sôbre realizador, intérpretes e demais intervenientes, pode calcular o que se terá passado nos espíritos apressados...

Não obstante, a Itália continuará a trabalhar. E nós, felizmente, também.

... ...

— «Diz-se que um dos nossos defeitos é a falta de persistência. Pois comecemos por ser teimosos...»

— «¿Para caír eternamente nos mesmos êrros?»

— «O Cinema português não comporta ainda a noção da eternidade...»

A. DE CARVALHO NUNES

VER OUVIR... E FALAR

Há dias os jornais noticiaram uma visita de numerosos alunos de um dos nossos estabelecimentos escolares aos estúdios da Tobis Portuguesa. Achamos bem a iniciativa. Se outros resultados não trouxesse serviria para se desfazer certa lenda que se criou em volta dos que trabalham nos filmes. Porque é preciso que se ponha côbro a uma injustiça freqüente. O cinema não é uma arte de ociosos, uma ocupação de falhados e de mandriões. No cinema é necessário trabalhar tanto ou mais que em qualquer outro ofício. Por isso, é uma profissão digna de ser encarada com o respeito e interêsse que se dedica às coisas sérias.

Sempre tive pelos cinéfilos, mesmo por aqueles que começaram por se apaixonar pelo cinema através de certas predilecções mórbidas, um grande carinho. Mas sempre quis, também, que êles compreendessem que o cinema não é uma «pândega pegada». É mais do que isso. Não faz mal que êles manifestem certa predilecção pelas escandaleiras cinematográficas, que explorem ostensivamente a vida privada das estrêlas ou pautem a sua existência pelo figurino plástico das «beauties» de Hollywood. Isso não tem importância se souberem apreciar a «outra verdade», se souberem avaliar quanto é preciso trabalhar, quantos esforços é necessário dispender para se fazer alguma coisa útil no ingrato domínio das sombras.

Condeno, porém, aqueles que preferem encarar o cinema como um nirvana cheio de seduções a encará-lo como uma laboriosa manifestação da actividade humana. Pois o interêsse humano do cinema não é inferior ao seu interêsse puramente artístico. A gente do cinema vive num mundo à parte — é certo. Mas o seu mundo criador de ilusões é real — e, portanto, cheio de desilusões.

Os que estiveram há dias na Quinta das Conchas devem ter compreendido (e não viram tudo!) que, para se conceber um filme, para o realizar, para o interpretar, é indispensável trabalhar. Com o desenvolvimento da cinematografia sonora a tarefa intensificou-se ainda mais. O que se faz, portanto, entre nós, é conseguido à fôrça de muita canseira, vencendo-se mil e uma dificuldades. Preguntem a Leitão de Barros, a Chianca de Garcia, a António Lopes Ribeiro, a Cottineli Telmo, a Adolfo Coelho, o trabalho que lhe deram os seus filmes. Quantos contratempos foram obrigados a remover com maior ou menor habilidade! Porque o nosso País, sendo pela sua situação geográfica, pela diversidade das suas paisagens, pelo pitoresco dos seus costumes, pelas suas extraordinárias condições de luz, um País previlegiado sob o ponto de vista cinematográfico — «conseguiu» inutilizar sob êsse mesmo aspecto as suas excepcionais possibilidades. Dizer como e porquê seria tão doloroso como inútil. Mas a verdade é que em Portugal falta «tudo o resto» necessário, indispensável para utilizar essa preciosa matéria-prima.

Há um estúdio razoàvelmente apetrechado (melhor, até, do que muitos supunham!) mas falta o principal. Falta organização. Continuamos como no tempo do «é preciso isto — não há; é preciso aquilo não há; é preciso outra coisa — também não há».

Está provado (e quem visita o estúdio sai com essa convicção) que elementos humanos não nos faltam. A nossa gente de cinema, corajosa, quási herica, é capaz de criar, de inventar o que não existe.

Admirável faculdade intrinseca ao cinema!

Vamos! Porque não se tenta produzir filmes que nos honrem? Não me parece que seja por falta de talento, cultura ou imaginação...

AUGUSTO FRAGA

UMA CARTA DE ADOLFO COELHO

Conforme noticiámos no último número, publicamos hoje uma carta que o director do «Animatógrafo» recebeu de Adolfo Coelho, escritor muito lido e realizador do filme português «Pôrto de Abrigo»:

Lisboa, 11 de Março de 1941.

Meu caro Lopes Ribeiro.

Peço-te desculpa por vir roubar ao teu simpático Animatógrafo *algumas linhas do seu precioso espaço, mas o* Animatógrafo *é a tribuna do cinema nacional e por isso vou servir-me confiadamente da sua amável hospitalidade.*

No semanário Seara Nova, *apelidado de «revista de doutrina e crítica», publicou o Snr. R. Nobre uma crítica ao* Pôrto de Abrigo, *que pelos seus termos chocarreiros, pela intenção demolidora, pela ausência de conceitos técnicos, ou pelo disparate, quando alguma coisa pretendia ter êsse aspecto, e ainda pelo carácter de ataque pessoal, excedia os limites concedidos à crítica; porque tudo tem limites, até mesmo a crítica!*

Por essa razão quebrei a linha de conduta que a mim mesmo impuz desde o ano, já longínquo, em que tomei contacto com o público, e enviei à citada revista uma carta em que explicava ao Snr. R. Nobre que, se pretendia ser tomado a sério como crítico, deveria escrever as suas críticas com competência, serenidade, intenção construtiva e cortesia, predicados êsses que de todo faltaram no escrito dedicado ao Pôrto de Abrigo.

O Snr. R. Nobre não compreendeu a lição e reincide nas suas atitudes histéricas, declarando que entende necessário imprimir às suas «críticas»: ironia, indignação e violência, *esquecendo-se de acrescentar a estas «virtudes» a do emprêgo de* mentira, *porquanto para «liquidar o realizador do filme, que já vê «na agonia», afirma que o artigo que publiquei no* Animatógrafo *com o título* O cinema pode ser o nosso melhor índice de cultura *é «decalcado» de um livro de que se diz autor.*

E para se dar ares de pessoa bem informada, iludindo os incautos, junta à mentira outra mentira, afirmando que eu possuo o tal livro «comprado na livraria Clássica, onde lhe fizeram o desconto habitual». Eu ponho à disposição do Animatógrafo *as facturas das minhas aquisições de livros na Clássica Editora, por onde é fácil verificar a falsidade da afirmação, que seria cómica se não fôsse desprezível.*

Ora, por muito que pese à vaidade do Snr. R. Nobre, eu ignorava, até à data, a sua existência e a do seu livro, que continuarei desconhecendo, porque nem mesmo com o desconto habitual, me darei ao trabalho de o ler.

No meu artigo, destinado a lembrar a necessidade de desenvolvimento do cinema cultural e educativo,—no qual o meu modesto labor, segundo a opinião do próprio Snr. Nobre, «constitui um magnífico exemplo que deveria ser seguido por outros centros de actividade e orientação» — fiz uma rápida análise ao poder de expressão do cinema, em paralelo com a linguagem escrita, e isto bastou para que o Snr. R. Nobre, que se julga evidentemente o autor da assombrosa descoberta de que o nosso tempo possui, além da linguagem falada e escrita, a linguagem cinematográfica, visse nas minhas linhas um «decalque» da sua preciosa e original prosa.

Eis um dos exemplos do «decalque» apresentados pelo mesmo Snr.

«...porque o cinema é mais directo e mais rápido do que a letra impressa, êle pode ser, desde já, para a massa dos iletrados...» *escrevi eu, «copiando» as linhas seguintes do ilustre crítico:*

...Para compreender imagens não é necessário evidentemente, aprender a ler, basta olhar».

É parecido? Não acham? Pois, Snr. R. Nobre, ainda por cima está errado, porque, a avaliar pelo seu caso, o Snr. olha para as imagens e não as compreende, porque não percebeu que flou *(difuso) e* fondu *(desaparecimento gradual) não são a mesma coisa, como afirma pretenciosa e erradamente no seu escrito, que pretende ser uma lição para os ignorantes como eu.*

Reproduzir mais comparações da crónica do Snr. R. Nobre, que têm o mesmo valor desta, seria fazer a publicidade ao livrinho, o que não me interessa nem os leitores do Animatógrafo *me perdoariam.*

Resumindo: o Snr. R. Nobre quando afirma que eu o copiei, mentiu, talvez deliberadamente, talvez alucinado pela sua vaidade; em qualquer dos casos é digno de lástima.

Agradecendo-te a publicação desta carta, aceita, meu caro Lopes Ribeiro, a expressão sincera da minha admiração e estima.

ADOLFO COELHO

Esta carta dispensaria quaisquer comentários nossos, pois demonstra claramente que onde o jornalista Roberto Nobre viu «decalque», «pastiche» ou «plágio» há apenas, por parte de ambos, a reedição legítima dum velho lugar comum, que vem desde os livros de Delluc até o livrinho de R. Nobre, passando pelo ensaio «Une Mélodie Silencieuse» de René Schwobb, tanto da predilecção do autor de «Horizontes de Cinema».

Disso não teriamos que ocupar-nos se o artigo de Adolfo Coelho incriminado por R. N. não tivesse aparecido no «Animatógrafo», por um lado, e ao mesmo R. N. não tivesse ocorrido a ideia de se escudar atrás de legendas e de opiniões publicadas neste jornal, interpretando-as a seu gôsto e conveniência. Convém portanto esclarecer os nossos leitores (entre os quais contamos o sr. R. N.) quanto às verdadeiras intenções do que escrevemos.

Na legenda que houve a preocupação de reproduzir em zincogravura (mal empregado dinheiro!), a frase *Dir-se-ia uma caracterização de Boris Karloff* tem uma evidente intenção de elogio, ao caracterizador e ao actor, e não envolve qualquer censura ao realizador.

Na nota da redacção que precedeu o artigo de Adolfo Coelho que publicamos no n.º 4 «O Cinema pode ser o nosso melhor índice de cultura», onde se diz que o autor nele emite as suas *ideias pessoais* não se pretendeu de nenhum modo sacudir a água do capote, pois nada há nele que nos repugnasse perfilhar.

Na crítica que fizemos ao filme «Pôrto de Abrigo» não fizemos, de maneira alguma, côro com aquilo a que R. N. chama pomposamente *justa indignação* e *reprovação unânime*. Apontámos os defeitos e as qualidades que tinha, pois tem, como todos os filmes, defeitos e qualidades. E isso não foi prudência, nem tibieza, faculdades que, decididamente, nos faltam por completo. E também não resultou daquilo a que R. N. chama a nossa *posição delicada* perante o Cinema português.

Delicada porquê? por ser «Animatógrafo» dirigido por um realizador? Por lutarmos pela existência dum cinema nacional a partir de pontos de vista mais práticos, mais viáveis e mais úteis à colectividade que aqueles que R. N. tem defendido no «Diabo» (que foi para o Inferno) e na «Seara Nova», que o rigor do tempo não deixa amadurecer como conviria a um sector reduzido da chamada opinião?

Apesar da tal pretensa *posição delicada* (será por publicarmos anúncios, como qualquer publicação incluindo a «Seara Nova»?) R. N. considera-nos *insuspeito*, com o que não nos faz favor nenhum. Já o mesmo não podemos nós dizer, infelizmente, da atitude crítica de que R. N. tem feito a sua bandeira vermelha. Porque há que partir dêste princípio: é muito mais difícil defender que atacar. Uma atarracadela de alto a baixo diverte fàcilmente a galeria, encobardada na sua escassez de argumentos e reduzida à bitola da sua incompetência (da galeria, entenda-se). Quando aparece um crítico que faz luxo em não ter papas na língua, e finge dizer as coisas como elas são, a galeria embasbaca-se tôda e diz:

— Caramba! Aquilo é que é coragem!... Admitamos que essa coragem existe quando se trata de alguma coisa de poderoso, e forte, e influente. Quando se trata de alguém que principia, ou tenta principiar — é uma coragem bastante fácil, uma coragem barata.

Nessas circunstâncias, o que é necessário ao crítico é, acima de tudo, autoridade na matéria. E a autoridade de quem confunde inexplicàvelmente *flou* com *fondu* e gasta várias páginas a estabelecer uma especiosa destrinça entre *raccord* e *record* — é bastante discutível, para quem quiser dar-se ao trabalho de a discutir, vamos lá com Deus.

CARTAS DUM CINÉFILO

Pérola dos directores:

Estou satisfeito porque sei que os meus conselhos são sempre recebidos com a atenção que merecem.

As minhas sugestões para a supressão do intervalo produziram tanta impressão que para eu me calar e não continuar com a campanha contra o intervalo, já houve um empresário dum bufete que mandou oferecer-me percentagem nos copos que o «pá da água» vender durante o segundo intervalo. Mas a minha pena não se vende! É mais: nem se impresta porque já uma vez me entortaram o aparo.

Já sei que o sr. Artur Duarte projecta fazer mais um filme dos antigos mas com os personagens à paisana. Isto é animador para nós pois a actividade do sr. Artur Duarte é tão grande — cinco fitas, das quais duas são comédias, três são dramas, uma é ciné-opereta; quatro são farças; e uma é histórica — que temos a produção nacional garantida até 1943 ou menos.

A actividade do sr. Brum do Canto também é para admirar. O seu filme «Lôbos da Serra», cuja acção se passa na Serra da Peneda está já muito adiantada e a Tobis Portuguesa, para que êste filme honre a nossa indústria não se tem poupado a despesas e, tanto assim que até contratou a Serra da Estrêla para fazer o papel de Serra da Peneda.

Temos, ainda, o sr. Leitão de Barros a fazer duas fitas ao mesmo tempo: a «Ala Arriba!» e a «Maria da Fonte». Esta, no entanto, está parada porque entre os figurantes sobreviventes das primeiras cenas poucos há que queiram voltar a filmar, pelo que é preciso arranjar figuração nova. Também sei que êste realizador projecta fazer a primeira exibição do seu filme na Sala dos Capêlos da Universidade de Coimbra. A ideia é bonita mas de nenhuns resultados materiais. As «premieres» das fitas portuguesas pagam-se por bom preço. Ora uma estreia naquela sala não deve dar nada porque, pelo menos, os Capêlos vão todos de borla.

Sem mais, saúde é o que eu lhe desejo e abaixo o segundo intervalo!

Ignácio da Purificação

P. S. — Lembrei-me agora de lhe escrever um post-scriptum só para não lhe dizer coisa nenhuma. Todavia, fiquei hesitante porque ainda encontrei muito para lhe dizer. E, como o post-scriptum já é um lugar comum quando pôsto no fim do que se escreve, estive vai não vai para o pôr ao princípio. Mas disseram-me que ao princípio não podia ser post-scriptum. E vai eu decidi então não escrever o post-scriptum, o que espero me não leve a mal por esta vez. — I. da P.

UM NOME A DECORAR: JANET CHAPMAN



Um filme a ver sem falta: «A MENINA DA SORTE»

«Animatógrafo» não costuma gastar cêra com ruins defuntos. Esta afirmação torna-se quási desnecessária, porque o leitor certamente já tem notado que só enaltecemos os verdadeiros valores. O carácter publicitário que às vezes parece envolver o que escrevemos não significa mera obediência e qualquer feição comercial: «Animatógrafo» capricha em seleccionar e em separar o trigo do joio.

Já aqui fizemos referência, algumas vezes, a Janet Chapman e se voltamos a insistir no nome desta actrizinha que o público ainda não teve ocasião de admirar é por um dever de justiça. Estamos, de facto, perante uma deliciosa realidade. Janet Chapman é uma actriz de muitas e invulgares qualidades. Se o público ainda não a viu, «Animatógrafo», porém, já a conhece e pode, por conseguinte, garantir, sem receio de desmentido, tratar-se duma grande actriz que apaixonará as plateias sensíveis e exigentes.

O público vai emocionar-se com Janet Chapman

Já não tarda muito para Janet Chapman aparecer na tela dos cinemas a prestar a sua prova de exame. Muitos artistas adultos dirão, decerto, ao vê-la em «A Menina da Sorte»:

— Que extraordinária actriz! Como é possível a uma garota representar com tamanha inteligência e tão apurada sensibilidade.

O público, êsse, emocionar-se-á e virá, consoante as situações do filme, em que a actriz de palmo e meio domina, como estrêla de primeira grandeza, arrastando consigo as plateias, ao sabor da sua inspiração, da sua comunicabilidade, da rajada impetuosa do seu talento.

Um filme que principia com bom-humor

«A Menina da Sorte» é um filme que principia com o bom humor e o imprevisto que os americanos sabem emprestar às suas comédias.

Dois jogadores inveterados das corridas de cavalos dirigem-se num automóvel a um hipódromo. A polícia persegue-os por excesso de velocidade e, na eminência de serem autoados e de não chegarem a horas ao campo das corridas, os dois jogadores procuram enganar a polícia, dizendo que vão a um hospital ver a filha dum dêles, que está muito mal.

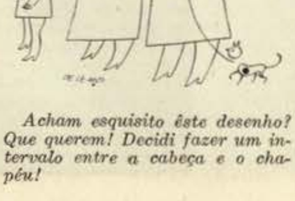
Uma garota que fugiu do asilo (Janet Chapman) e que apanhou um susto com um automóvel, é conduzida, fortuitamente, ao hospital onde aparecem os dois homens com a polícia. Ela, que sempre sonhou com o regresso do pai — que não tem, pois é órfã — ao ver um dos jogadores afagá-la, toma-o como sendo da família. O polícia fica convencido de que se trata de pai e filha e promete ir, no dia imediato, visitar a mãe e felicitá-la pelas melhoras da miúda. A atrapalhação dos dois jogadores é enorme, porém, a garota dá-lhes sorte nas corridas. Que hão fazer? Livrar-se dela? Mas a polícia irá a casa dêles no dia imediato e, se descobre o embuste, os dois homens estarão perdidos...

O encanto de Janet Chapman domina, todavia, os dois jogadores — como há-de dominar o nosso público, quando tiver ocasião para a admirar.

E, então, as plateias compreenderão que é justa a atitude de «Animatógrafo» quando lhes diz: decorem o nome de Janet Chapman e não deixem de a admirar no filme «A Menina da Sorte».

Raras vezes o Cinema tem oportunidade de apresentar tão reais valores, entre gente de palmo e meio, como no caso de Janet. Não é a menina-prodígio — frizemos — mas sim um real talento, daqueles que só aparecem de longe em longe...

O INTERVALO



Acham esquisito êste desenho? Que querem! Decidi fazer um intervalo entre a cabeça e o chapéu!

O INTERVALO



— Aonde vais?
— Vou ao «nimas».
— Então para que levas a borracha e os cestos?
— É o farnel para os intervalos.

A EQUIPA DOS «LOBOS DA SERRA»

já regressou da Serra da Estrêla e começou a filmagem de interiores no Lumiar



Para o camião de som da Tobis Portuguesa poder avançar na Serra da Estrêla, foi, muitas vezes, necessário, abrir uma estrada na neve



César de Sá é o operador de «Lobos da Serra». Apresentamo-lo durante uma filmagem tendo ao lado o seu assistente Perdigão Queiroga



A câmara de filmar impressiona uma cena dramática em que intervem Carlos Manuel, a nova revelação do cinema nacional



Filma-se um «long-shot». De costas, em primeiro plano, o realizador Jorge Brum do Canto e o seu assitente Fernando Garcia

A equipa que está a filmar «Lôbos da Serra» a nova produção sonora da Tobis Portuguesa, regressou há dias das Penhas da Saúde na Serra da Estrêla. Durante dez dias as objectivas andaram a devassar os recantos mais belos da serra desde as Penhas à Nave de St.ª António, do Alto dos Piornos até aos Cântaros. Foram filmados cêrca de 1.000 metros, que se destinam a uma das cenas capitais da fita, no meio das mais diversas e difíceis circunstâncias, pois, por um lado, a equipa teve de trabalhar sob as mais inclementes condições de tempo e, por outro os intérpretes foram obrigados a arriscarem-se perigosamente nas cenas que interpretaram.

* * *

A brigada técnica da Tobis era aguardada na Covilhã pelo prof. sr. António Lopes, da Comissão Municipal de Turismo, director do Ski Clube de Portugal. O distinto desportista e grande impulsionador do turismo da Serra rodeou a equipa de facilidades que muito contribuiram para o bom êxito dos trabalhos ali realizados. Foi graças à sua gentileza que o pessoal da Tobis pôde fazer seu quartel general no Abrigo de Montanha do Ski Clube de Portugal e dali, com a companhia dos magníficos guias do mesmo Clube, partir para as arriscadas «explorações» cinematográficas que empreendeu.

* * *

O primeiro dia de trabalho foi consagrado ao conhecimento do terreno para escolha dos locais convenientes para a filmagem de cada plano. Era quinta-feira depois do Carnaval. Do alto dos Piornos para a Nave havia ainda alguns desportistas que faziam as suas descidas de ski. O céu tinha o azul brilhante que só lhe dão as atmosferas límpidas do mar e da montanha. A neve dava ao ambiente uma luminosidade extraordinária que fazia avultar mais as formas magníficas das nuvens, a correr pelo cimo das montanhas.

O camião da aparelhagem da Tobis teve de parar, bloqueado pela neve algumas centenas de metros corridos. Enquanto o pessoal auxiliar, ràpidamente, tratava de abrir a estrada o realizador Jorge Brum do Canto e o operador César de Sá com os seus assistentes avançavam para ganhar altura donde se dominava o panorama imponente dos Cântaros. Ante a tentação do lençol de neve que cobria o Espinhaço, Brum do Canto e Fernando Garcia resolveram atravessar a Nave de St.ª António e ganhar as alturas que dominam o vale para o lado de Unhais da Serra. A restante equipa ficou na encosta fronteiriça e foi então que teve o primeiro aviso das surprêsas da serra: um quarto de hora deixou de haver céu azul; dez minutos depois tinham-se perdido de vista os «exploradores»; cinco minutos depois não se via a mais de cinco metros à volta — um nevoeiro quente, cerrado e silencioso cobria tudo. Mas a gente de Cinema sabe de tudo um pouco e quando não sabe... aprende ràpidamente. Quando os guias vieram ao encontro dos dois elementos da equipa já Jorge Brum do Canto e Fernando Garcia tinham alcançado a estrada e seguiam no bom caminho ao encontro do camião. À noite, à volta da lareira do Abrigo do Ski Clube, ti'Manuel Trigo que envelheceu na serra e seu filho Jerónimo a quem na serra nasceram os dentes contaram... para animar dezenas de histórias de gente perdida — perdida para sempre pelo nevoeiro e pela neve.

* * *

Carlos Manuel um rapaz que se estreia em «Lobos da Serra» e que com certeza, vai depois interpretar outros filmes porque agradará em cheio, foi quem, na serra, interpretou as cenas mais arriscadas. Pelos precipícios que normalmente não passam de atracções turísticas olhadas com respeito, andou êle — êle mesmo — a correr e a saltar... a fugir à guarda-fiscal que o perseguia.

Um dia quando seguia em corrida vertiginosa que a câmara seguia de longe, «evaporou-se» e desapareceu completamente. Logo, à desfilada, partiram socorros da equipa. Quando lá chegaram Manuel estava com tôda a transquilidade, com o seu mais feliz sorriso deitado no fundo dum gretão de neve com mais de cinco metros de fundo. Na corrida não o tinha visto e felizmente a neve é macia e Manuel um optimista.

Mas estas e outras aventuras esquecem — o que importa é o filme que, para empregarmos uma frase popular, vai de vento em pôpa.

A equipa, Jorge Brum do Canto, César de Sá, Carlos Manuel, Fernando Garcia e Perdigão Queiroga regressaram satisfeitos. O trabalho no estúdio começou e desenvolve-se num ritmo animador, pois ninguém se poupa a esforços para dar à produção o rendimento ambicionado. As primeiras cenas filmadas e projectadas apresentam uma fotografia de grande classe e, da parte dos artistas, uma interpretação de nível superior.

Na próxima semana daremos aos nossos leitores mais notícias do que por lá se passa a-fim-de satisfazer a espectativa existente e que bem justifica o interêsse com que é aguardada a nova produção de Jorge Brum do Canto.

AS ALUNAS DO LICEU D. FILIPA DE LENCASTRE

visitaram o estúdio da «Tobis Portuguesa»

Cêrca de setenta alunas do liceu D. Felipa de Lencastre visitaram, há dias, os estúdios da Tobis Portuguesa.

É a primeira vez que uma tal visita se regista nos anais da cinematografia nacional e, por essa razão, damos-lhe dobrado relêvo. Um dos nossos colaboradores examina, hoje, a importância dessa visita, na secção «Ver, ouvir e... falar», o que nos dispensa de fazer os merecidos comentários que a iniciativa de duas professoras do referido liceu — as sr.as D. Virgínia Paraíso e D. Beatriz Magalhães Colaço — justifica, em absoluto.

O cinema, que na nossa terra tem sido — quantas vezes! — menos considerado, começa a merecer as atenções dos mentores e educadores das novas gerações. E — compreendam aqueles que se mostram ainda renitentes a considerar a arte das imagens como uma profissão e, principalmente, como uma profissão trabalhosa, quando não exaustiva — êsse grupo de alunas não foi à Tobis Portuguesa para criar ilusões, mas sim para ter uma noção do que a cinematografia representa como esfôrço e como profissão real e trabalhosa que na realidade é.

Esta visita representa, portanto, uma lição cultural de largo e importante alcance.

A gravura que publicamos representa as alunas do liceu D. Filipa de Lencastre, acompanhadas das suas professoras, num cenário do filme actualmente em preparação na Tobis Portuguesa.



O meu primeiro artigo sôbre Cinema

Tenho a certeza de que poucos escritores alheios à cinematografia terão maior entusiasmo do que eu pelo cinema. Pertencendo ao número daqueles que têm que pagar para ver um filme, fazendo parte do público sem obrigações, podia limitar-me à atitude do simples espectador: interessar-me, apenas, pelo espectáculo em si. Em vez disso, tem-me preocupado sempre o problema estético, fundamental, que o cinema veio propôr: se a novos meios técnicos de expressão pode corresponder o aparecimento, não de uma nova modalidade da arte cénica, mas de uma nova arte. Não digo uma arte por completo independente da representação teatral e da literatura, mas uma arte com função própria, que exprima, pela imagem e pelo movimento, o que, de outra forma, não encontraria a sua expressão artística.

Sempre considerei absurda a tentativa wagneriana da fusão das artes, porque cada arte tem a sua função própria; mas se não é do meu especial agrado a música descritiva ou a pintura anedoctica, isto é, a música ou a pintura que adoptam temas literários e que, ainda pior, os tratam com espírito literário, não posso deixar de reconhecer que as diversas artes, em certos pontos se intercomunicam. Não há, portanto, diminuição da autonomia artística do cinema nos factos de depender do argumento escrito e da expressão histriónica. Senti sempre (e digo expressamente: senti,e não: pensei) que o cinema tinha uma linguagem própria; que só êle podia dizer, re certa maneira, certas coisas, de cuja expressão as outras artes eram incapazes ou que, pelo menos, tanto o teatro como a literatura escrita, só insuficientemente podiam exprimir. Mas como me faltavam, em absoluto, os conhecimentos técnicos, não descortinava em que é que consistia, digamos, o génio próprio do cinema; porque é que êle se caracterizava entre as outras artes, oferecendo-nos uma visão particular da Vida e revelando-nos uma parte do Mundo, só perceptível (ou só tão perceptível) graças ao seu processo próprio de expressão.

Compreendi, finalmente, êsse mistério, ouvindo uma conferência de Antnio Lopes Ribeiro. Êsse realizador de cinema, que, por ser um intelectual, tem a preocupação de explicar os problemas da sua arte, desvendou-me o segrêdo: a originalidade do cinema, o que há nele de essencial, o que faz com que um filme seja uma obra de arte cinematográfica, e não uma obra literária, muito embora tome um livro por tema e o interpretem actores de teatro, é a planificação. Pode o filme ser tirado de um romance escrito, como «Wuthering Heights», que nem por isso deixa de ser uma obra com carácter próprio, graobra como com carácter próprio, graças de arte não à circunstância de ser projectado num «écra» e de ser visto em vez de lido, não ao facto de, tanto o ambiente como a psicologia das personagens, serem dados em imagens em vez de descritos com palavras, mas à planificação feita pelo cineasta, em que interveio a visão cinematográfica do tema, e que transformou noutra coisa (melhor ou pior, não importa agora ao caso discutir) o livro de Emily Brontë.

Não foi, no entanto, para dizer coisas que os cinéfilos saberão, talvez, melhor do que eu, que me resolvi a escrever, pela primeira vez, um artigo sôbre cinema. Apesar do meu entusiasmo ser tão grande que também como cinéfilo me posso considerar (menos no interêsse pela vida íntima das «estrêlas» de Hollywood), nunca escrevi nada sôbre essa arte, nem dei, sequer, em público, a minha opinião sôbre um filme. O cinema, se do espectador não exige mais do que atenção visual e capacidade receptiva para as emoções, exige do crítico certos conhecimentos de ordem técnica que em absoluto não possuo. Por isso me abstive de caír, quanto ao Cinema, na manja dos literatos, de dar a sua sentença sôbre tôdas as coisas. A verdade é que só percebo alguma coisa de literatura, fugindo, também, de escrever sôbre música, sôbre dança ou sôbre artes plásticas. Mas sôbre Cinema, raro será o escritor que não se julgue capaz de emitir a sua opinião, dada a ligação que existe entre essa arte e a literatura, embora sôbre o próprio teatro representado seja já difícil, a um homem que só tenha conhecimento da técnica da literatura escrita, dizer alguma coisa. Emprego esta expressão: literatura escrita, para distinguir, o livro do teatro representado. Mas se existe uma literatura oral, quer sob a forma culta da eloqüência, quer sob a forma popular da narração, não poderá admitir-se a hipótese de o Cinema ser uma forma visual da literatura? Seria alargar demasiado o sentida da palavra literatura, embora nem assim o Cinema perdesse a sua originalidade. Mas uma coisa temos de admitir, e é que, se há romances escritos, como houve romances orais, há romances que poderemos chamar visualizados — romances cinematográficos.

Só assim se explica que o Cinema esteja implantando um novo romantismo de sua criação, porque só as artes que exprimem sentimentos ou que traduzem, mesmo, uma concepção sentimental da Vida, têm poder para tanto. O parentesco do Cinema com a literatura não se manifesta só, porém, no facto de os filmes se inspirarem, muitas vezes, em livros, nem, mesmo, no facto (para o caso mais importante) de os filmes exprimirem sentimentos concretos — o que não conseguem nunca, cabalmente, as outras artes não-literárias. Êsse parentesco manifesta-se, ainda, no facto de os processos e o próprio espírito do Cinema influírem, por exemplo, nos romances norte-americanos (em especial no «Manhattan Transfer» de John dos Passos) e, por intermédio dêstes, nos romances brasileiros (especialmente nos «Capitães da Areia» de Jorge Amado).

A propósito dêste, aludi eu, uma vez, ao «novo romantismo criado pelo Cinema norte-americano». Já antes, aliás, descrevendo (ou recordando?), numa novela, o namoro de um português com uma mocinha carioca, me referira às sessões de Cinema onde êsses namorados, como todos os que se amam no Brasil, iam saturar-se de «romantismo norte-americano». Valerá a pena que o crítico intervenha para descriminar as leis dêsse novo romantismo? Parece-me que bastará, por enquanto, ter a noção de que êle existe; que na sua atmosfera mergulhamos quási tôdas as vezes que vamos ao Cinema, e que dêle não poderemos fugir, mesmo que no dia seguinte voltemos ao realismo da vida material. Direi, mais, que as noites passadas nos Cinemas são, hoje, para a grande maioria, a única evasão da realidade, ainda poss'vel nesta hora do mundo. O Romantismo que foi, senão uma evasão?

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

«TOGETHER AGAIN» com **FRED ASTAIRE** e **GINGER ROGERS** já se não faz **ASTAIRE** vai trabalhar para a **COLUMBIA**!

«Animatógrafo», noticiou há semanas, nesta mesma secção, que Fred Astaire e Ginger Rogers, a nossa homenageada do número passado, voltariam de novo nos braços um do outro, vivendo no «écran» mais uma vez, uma história adorável, com muita música e bailados incomparáveis. O filme que a RKO-Radio devia produzir, tinha até um título significativo — «Together Again». *Juntos de Novo* seria bem o filme ideal para marcar a reünião do par mais célebre que o Cinema, em muitos anos, tem reünido.

Todos os seus admiradores, que são legião, todos os freqüentadores das salas obscuras, antegozavam já os duetos amorosos e os bailados de sonho, que o filme seguramente nos mostraria em profusão.

Mas até mesmo nos Estados Unidos, nas grandes companhias organizadas com uma precisão de relógio cronométrico, sucedem estes precalços. E o facto é que «Together Again», não foi ainda, desta vez, pôsto em Cinema, esperando uma ocasião mais oportuna para que possa ser realizado. Questão de tempo.

Mas Fred Astaire, como por seu lado Ginger Rogers, não ficou por isso inactivo. Ela está, como já informámos, interpretando para a RKO-Radio, feliz emprêsa que se orgulha de a ter como sua vedeta máxima, o filme «Tom, Dick and Harry». E Astaire — cujo último filme, que se intitula em inglês «Second Chorus», a Paramount vai brevemente apresentar entre nós e no qual veremos a gracilidade e a beleza de Paulette Godard—vai agora ser o protagonista dum novo filme.

Desta vez é a Columbia que apresentará o próximo filme do bailarino extraordinário, cujo título já está fixado: *He's My Uncle*, uma história alegre e movimentada ligada à recente lei americana do recrutamento. Sidney Lanfield, o realizador de quem a semana passada vimos «O Coração dum trovador» é quem dirigirá o filme e Cole Porter, o famoso compositor a quem o Cinema deve alguns dos seus mais célebres números musicais, escreverá várias canções para «Êle é meu Tio».

Não se sabe ainda quem, desta vez, será a sua «partenaire».

O casal **William Powell-Myrna Loy** vai aparecer no filme «LOVE CRAZY»

Se por um lado é pouco corrente um casal autêntico de artistas de Cinema aparecer na tela interpretando um mesmo filme, não é menos raro dois artistas interpretarem freqüentes vezes, e num mesmo filme, os papéis de marido e mulher.

Myrna Loy e William Powell são a excepção dessa lei geral. Pouquíssimos são os «casais cinematográficos» que se têm mantido com uma regularidade digna de menção como o do famoso casal que «O Homem Sombra» popularizou.

A Metro Goldwyn Mayer parece, e com razão, não querer divorciar o Nick da espôsa. Tanto assim é que está neste momento a ser realizado um novo filme do celebérrimo casal. Intitula-se êle *Love Crazy*, título que se poderá traduzir em português, talvez com uma certa liberdade é certo, por «O meu Amor é Maluco!».

Dirige-o Jack Cummings e com êles aparecem também Fay Bainter e a formosa Gail Patrick. A fotografia do filme é do grande operador William Daniels.

Charles Boyer, Paulette Godard e **Olivia de Havilland** juntos num novo filme da **Paramount**

O êxito que alcançou o filme da Universal «Back Street», estreado há pouco na América, foi verdadeiramente excepcional, sendo crítica unânime em louvar a magnífica realização de Robert Stevenson — que pela primeira vez dirigia um filme, embora estivesse de há muito ligado ao Cinema ainda que noutro campo, o dos argumentos e «scenarios» — assim como a espantosa interpretação de Margaret Sullavan, a grande actriz de Teatro e de Cinema que «Loja da Esquina» há pouco nos permitiu admirar, e de Charles Boyer, que no filme tem uma das melhores, se não a melhor das suas criações.

A popularidade de Boyer, mesmo nos Estados Unidos, é tão importante que não lhe consente o gôzo de férias, por mais curtas que sejam. E tanto assim é que a poucos dias da conclusão daquele filme, está já interpretando para a Paramount a película *Hold Back the Dawn*, que o ex-marido de Myrna Loy, Arthur Hornblow, produzirá com Mitchell Leisen por director.

Duas «leading-ladies» terá Charles Boyer neste filme, ambas com êle trabalhando pela primeira vez: Paulette Godard, de popularidade cada vez mais considerável e a linda Olivia de Havilland, cuja cedência a emprêsa de Adolph Zuckor conseguiu dos irmãos Warner, de cujo «lot» é uma das mais categorizadas actrizes.

Dick Powell e **Joan Blondell** são marido e mulher num filme da "Universal"

Não é vulgar ver marido e mulher interpretando um mesmo filme. Contam-se pelos dedos de uma só mão os casos em que um casal autêntico apareceu num filme vivendo com paixão os dois amorosos duma história qualquer, complicada ou simples, cheia de momentos romanescos ou de situações mais ou menos românticas.

Raros são os que se podem gabar duma tal proeza.

Dentre essa minoria, Joan Blondel e Dick Powell, mulher e marido à face da lei, são talvez o casal-tipo dêsse padrão de filmes.

Em algumas películas da Warner, quando ambos pertenciam àquela emprêsa, foram êles os amorosos dêsses poucos filmes. Há pouco ainda, em «I Want a Divorce» — *Quero divorciar-me* — da Paramount, foram os apaixonados da história, na qual os seus sentimentos, no fim, acabavam por desmentir totalmente, o título do filme.

Agora, na Universal, emprêsa de que presentemente fazem parte, de novo são os protagonistas do romance de amor, que serve de argumento ao filme

Com êles aparecem também Charles Ruggles, Lee Bowman, Billy Gilbert, Ruth Donnelly e Gloria Blondell, uma irmã, mais nova, de Joan. Dirige-o Leigh Jason, e Norbert Brodine é o fotógrafo do filme.

Pela primeira vez na sua carreira **James Stewart** contrascena com **Jeanette Mac Donald**

Jeanette Mac Donald, a primeira grande vedeta feminina do fonocinema — a sua *princesa* de «Parada do Amor» que a sua voz maravilhosa acreditou, como contribuiu para acreditar, nessa época já distante, a nova arte que crescia — vai ser a intéprete dum novo filme da Metro Goldwyn Mayer, um filme em que as crinolinas e as saias de balão das nossas avós aparecerão em tôda a sua beleza e graciosidade.

O filme intitula-se *Smilin Through*, e foi feito já, em duas outras versões, pelas duas Normas do Cinema — a Talmadge e a Shearer.

Mas o mais digno de interêsse na notícia que nos chega é, sem dúvida, a escolha do nome do seu «parceiro» naquele filme. O actor que a seu lado trabalhará é nem mais nem menos que James Stewart, o premiado dêste ano da Academia, e um dos mais extraordinários artistas, dos mais tìpicamente cinematográficos com que o Cinema em tôdas as épocas, não é exagerado afirmá-lo, tem contado.

James Stewart, que na sua prodigiosa carreira tem contracenado com as mais variadas actrizes de Hollywood, é a primeira vez que aparece ao lado da simpática espôsa de Gene Raymond.

FITAS NA FORJA

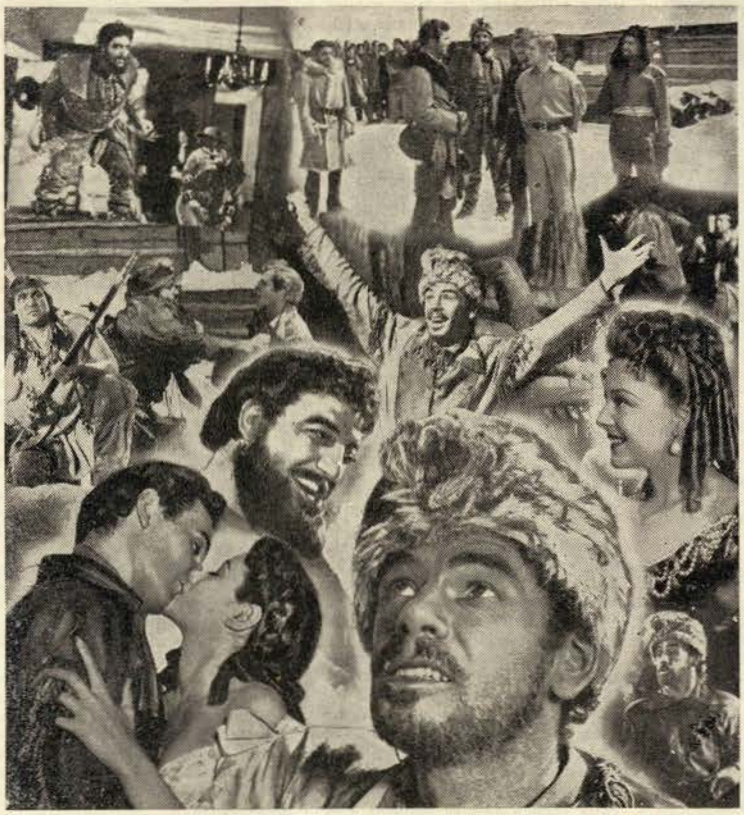
● *CAUGHT IN THE DRAFT, com Bob Hope, Dorothy Lamour, Eddie Bracken, Lynne Overman, Clarence Kobb e Paul Hurst. Direcção de David Butler. Fotografia de Charles Schoenbaum. Paramount.*

● *HIGHWAY WEST, com Brenda Marshall, Olympe Bradna, William Lundingan e Willie Best. Realização de William Mc. Gann. Fotografia de Ted Mc Cord. Warner Bros. (S. I. F.).*

● *THE GENTLE PEOPLE, com Ida Lupino, Thomas Mitchell e John Qualen. Realização de Anatol Litvak. Fotografia de Arthur Edeson. Warner Bros. (S. I. F.).*

● *DOUBLE DATE, com Edmund Lowe, Una Merkel, Peggy Moran, Rand Brooks, Tommy Kelly e Eddy Waller. Dirigida por Glenn Tryon. Fotografia de John Boyle. Universal (Filmes Alcântara).*

PAUL MUNI



O GÉNIO DO CINEMA!

O maior actor do mundo!

reaparece hoje no

TIVOLI

no seu primeiro filme desta temporada, em que apresenta uma inolvidável criação de grande intensidade dramática

A BAÍA DE HUDSON

(HUDSON'S BAY)

Um novo programa excepcional
da
FOX-FILMES, L.DA
com
GENE TIERNEY,
o grande cómico
LAIRD CREGAR e VINCENT PRICE

Uma aventura de grande espectáculo

da

20th CENTURY FOX

A história empolgante dum aventureiro, Pierre Radisseur, que vai a Londres entregar o Canadá ao Rei de Inglaterra

O caso sentimental DE GINGER ROGERS



Ginger e Douglas Fairbanks Jr. em «Viva o Amor»

Dois casamentos e dois conseqüentes divórcios houve na vida de Lela Rogers. Dois casamentos e outros tantos divórcios marcam a vida sentimental de Ginger Rogers. Um paralelismo que não deixa de ser curioso e digno de menção.

O primeiro casamento de Ginger data de 1918 e o seu marido n.º 1 foi um companheiro de infância que, por pura coincidência, era, como ela, um artista de variedades. Chamava-se Jack Culpepper. Êsse casamento foi sol de pouca dura. Alguns meses depois do enlace, apressaram-se a pedir o divórcio.

Lew Ayres foi o segundo marido da loira-morena Ginger. Casaram a 14 de Novembro de 1934, na igrejinha do Forest Lawn Memorial Park nos arredores de Hollywood. Dois anos depois, em 1936, separavam-se de comum acôrdo, e em Março do ano passado alcançavam o ambicionado divórcio.

Mervin Le Roy, um caso seriíssimo na vida de Ginger, Howard Hughes, milionário, aviador e produtor, e agora o operador John Arnold, têm sido os heróis dos seus romances de Hollywood.

Coisas indiscretas

16 de Janeiro de 1911 foi a data do nascimento de Ginger Rogers... durante muito tempo teve em Phillys Frazer, sua prima, a sua mais íntima amiga. Phyllis, além de ser uma formosíssima rapariga, é uma jornalista de merecimento. Hoje estão ligeiramente incompatibilizadas... Ginger é campeã de ténis da colónia cinematográfica de Hollywood... O ciclismo é também um dos seus desportos favoritos... Foi uma das Wampa's Baby Stars de 1933... É desde 1935 Almirante Honorário da Marinha do Texas... Quando interpreta filmes musicais, dansa dez horas por dia... Vive numa linda casa em Beverly Hills, o bairro aristocrático de Hollywood, no 8818 de Appian Way.

JAIME DE CASTRO

A FEIRA DAS FITAS

(Continuação da página 13)

«ESTA MULHER É MINHA»

(I take this woman)

A regularidade, continuidade e estabilidade da indústria americana de Cinema tornou-a especialista dum género de filmes: o filme bem feito, que se segue sem nada de excepcional que o assinala, mas que não cansa, o filme que não se recorda mais, mas onde a fotografia é boa, a realização boa, a interpretação boa, enfim, tudo bom mas nada excepcional. «Esta Mulher é Minha» é o tipo perfeito de fita regular nestas circunstâncias: um argumento sem grande intensidade de acção, um diálogo que se não fôsse grandemente animado pelos intérpretes sairia frouxo e uma realização que ilustra bem o tipo de realização experiente mas completamente discreta. Van Dyke sabe tanto de Cinema que quando passa numa fita sem se dar pela sua presença: limitou-se a conduzir o filme de forma a valorizar o trabalho dos actores. São estes na verdade que fazem valer a produção.

Heddy Lamarr com um grande poder de atracção é uma figura que interessa sempre seguir. A representar é correcta e sóbria mas como mulher ultrapassa todos estes limites para um campo com o seu quê de misterioso que é a dominante característica da sua personalidade.

Spencer Tracy, um excepcional actor, valorizou o trabalho que lhe coube com os seus vastos recursos, embora sem ter margem para os empregar todos.

A propósito citem-se os figurantes do bairro pobre, extraordinários actores que enchem a última cena e fale-se daquela mãe que vem buscar o seu «bambino» ao hospital. Aqui como quási sempre os figurantes do Cinema americano são grandes actores. — F. G.

LEONIDE MOGUY

(Continuação da página 12)

Permito-me citar algumas palavras do «Paris-Soir» de 26 de Agôsto último: «Várias vezes, nos últimos anos, críticos sinceros haviam protestado contra o regime das casas de correcção. Pois segundo uma lei recente, não existirão mais em França colónias penitenciárias — mas «instituïções públicas de educação vigiada».

A decisão tomada por Raphaël Alibert, ministro da justiça do Govêrno do marechal Pétain, receberá a aprovação de todos os que dedicaram a sua atenção aos graves problemas da infância difícil. Talvez um dos mais prementes acaba assim de ter solução.

Visitei recentemente a Escola de educação vigiada Théophile-Roussel, em Montesson; graças aos modernos métodos de educação aplicados por um director clarividente e audacioso, o sr. Journet, essa antiga casa de correcção, verdadeira penintenciária de crianças, transformara-se num abrigo reconfortante.

Quero continuar, se tiver oportunidade para continuar, a levar às multidões anónimas que povoam as salas escuras dos cinemas — coragem, beleza, o eco de vozes humanas iguais às suas e que falam para defender causas generosas.

OS SETE CAVALEIROS DA VITÓRIA

Estamos na fronteira do Canadá. Numa pequena escola de Montana, Luís Riel dedica-se a ensinar as primeiras letras às crianças da aldeia. Tarefa algo diferente daquela a que Riel se dedicava alguns anos antes, nas montanhas fronteiriças do Canadá, lutando com um bando de mestiços, de origem francesa, pelo predomínio da sua raça sôbre os descendentes dos colonos ingleses que exerciam o govêrno do país. Um dia, sùbitamente, Riel manda embora os seus pequenos alunos, dando por terminadas as aulas em meados de 1885. Dois indivíduos de má catadura tinham feito a sua aparição na pequena escola. Um chamava-se Corbeau e o outro Duroc. Eram dois agitadores e procuravam a cooperação de Riel para levantar os ânimos dos mestiços e dos índios contra os leais subditos do Domínio britânico. As intenções de Riel, a quem os mestiços aclamam como chefe da rebelião, são nobres e honradas. Mas não as são as de Corbeau, que pretende sacudir o jugo britânico para monopolizar o tráfico de «whisky» entre os mestiços e os índios...

* * *

Assim principia o filme «Os Sete cavaleios da vitória», que Cecil B. de Mille dirigiu para a Paramount e que constitui uma esplendorosa produção em technicolor. Um importante núcleo de artistas tem a seu cargo os principais papéis.

Os protagonistas são Gary Cooper e Madeleine Carroll, secundados por Paulette Godard — a insinuante espôsa de Charlie Chaplin — Preston Foster, Robert Preston, o talentoso Akim Tamiroff, Georges Bancroft, Lynne Overman, Lon Chaney Jr. e Walter Hampden.

O argumento do filme é em extremo interessante, cheio de acção, de emocionantes cenas e de deliciosos episódios românticos do mais absoluto agrado.

O têma tem como ponto de partida um acontecimento real que se deu no Canadá em 1885 e que põe à prova a heroicidade da polícia montada. É, pois, a polícia montada o fulcro desta magnífica produção, onde se assiste a emboscadas, insurreições, perseguições, farto tirotei e, finalmente, à acção verdadeiramente épica da cavalaria que vem impôr o respeito e a autoridade na terra em convulsão.

Nos «Sete cavaleiros da vitória» contam-se duas histórias de amor.

Espectáculo grandioso, com dez estrêlas e filmado a côres nos estúdios da Paramount, êle interessará certamente o público que prefere obras de acção onde se narram episódios dignos de epopeia.

CINEMA DE AMADORES

O CONCURSO NACIONAL
DOS FILMES DE FORMATO REDUZIDO

Desde 1933, um grupo de entusiastas pela cinematografia em formato reduzido, tem organizado o Concurso Nacional de Filmes de Amadores, a que têm concorrido algumas produções, das quais uma delas alcançou, mais tarde, o 2.º lugar num Concurso Internacional.

É evidente que uma organização destas não é tarefa fácil. Ao esfôrço e à bôlsa dêste grupo simpático se deve um pouco da «animação» existente no nosso meio amador.

Nem sempre o resultado dessas canseiras é recebido com a amizade e franqueza que deviam existir no círculo familiar dos amadores portugueses. Há sempre críticas deselegantes e observações a fazer, que poucas vezes primam pela sinceridade.

Por princípio errado, estabeleceu-se a imaginária existência de três classes distintas no cinema de amadores. E estes, para corroborarem as suas afirmações, alegam a existência de três formatos diversos.

Pobres de Cristo!

Afirmem antes que pretendem isolar-se, criarem àparte um mundo vosso, e sereis acreditados.

Ninguém possue o direito de impedir que cada um viva como lhe aprouver. Mas, por favor, não continuem nessa vossa teimosia de não quererem conviver com aqueles que estão prontos a receber-vos, não porque pretendam ensinar-vos mundos e fundos, mas para fins comuns.

O Concurso Nacional de Filmes de Amadores dêste ano será, segundo o desejo de que nos encontramos possuídos, a definitiva união dos amadores portugueses.

Realizar-se-á, possìvelmente, o 1.º Congresso Nacional, de que se obterá, por certo, os mais benéficos resultados. Necessário se torna saber com quem se pode contar. É indispensável — por ser único o momento — que todos os amadores portugueses inscrevam as suas obras no Concurso Nacional de Filmes de Amadores a realizar em Outubro.

Devem compreender-se as vantagens que advêm aos amadores por intermédio dos Concursos Nacionais.

Há sempre o interêsse de apresentar um trabalho superior aos dos outros amadores. E sem se dar por tal, vai-se pouco a pouco compreendendo o verdadeiro papel da cinematografia em formato reduzido tomada sob o seu aspecto artístico, que forma um àparte da cinematografia de amadores em geral.

Desenvolve-se desta maneira o gôsto cinematográfico dos nossos amadores.

Necessário se torna, claro está, acompanhar esta evolução com a projecção de filmes estrangeiros, para que os amadores portugueses possam obter certos esclarecimentos que a visão dêsses filmes lhes permite dar.

Se algumas sessões tem havido, devem-se principalmente aos componentes da sub-secção de cinema do Grémio Português de Fotografia e especialmente ao dr. António de Meneses, verdadeiro entusiasta da cinematografia de amadores. Mas êste esfôrço não basta, é preciso que as sessões de filmes internacionais não sejam tão raras, tão espaçadas.

Faremos o que nos fôr possível para que haja semanalmente sessões de filmes de formato reduzido em várias cidades do país sem a repetição de produções projectadas várias vezes em sessões anteriores.

Consideramos a sub-secção de cinema do Grémio Português de Fotografia como o organismo oficial da cinematografia de amadores em Portugal. Não deve assim confundir-se o G. P. F. com as várias agremiações de amadores existentes no nosso país, não só pela sua situação, destacada de tôdas as outras, mas também porque faz parte da Federação Internacional de Cinema de Amadores. É, por conseqüência, a única agremiação oficial portuguesa.

E deixem-se de perigosas divisões.

JOÃO MENDES

Os Filmes e a Família

A fotografia, que é um esplêndido meio de expansão, encontra-se hoje vencida, em alguns dos seus aspectos, pelo Cinema. Um dêles, talvez o mais exuberante, é o documentário familiar.

Tornou-se um hábito, em alguns lares, a sessão de cinema após o jantar. Nessa altura são projectadas os últimos filmes impressionados. E a assistência, onde se encontram alguns íntimos da família, comenta com entusiasmo as imagens projectadas.

Assim é mais completo o documento da vida da família. É o bébé dando os primeiros passos, é ainda a juventude dos pais e a alegria dos avós, e anos volvidos que sensações não sentem ao verem-se de novo jovens, ante o écran, os protagonistas dêstes filmes. A documentação que a fotografia dava é dêste modo mais completa com o movimento que o Cinema oferece.

Não só quem tem vibrado com estas sessões familiares compreende o valioso papel do Cinema, visto sob êste aspecto. Todos compreendem o seu grande valor retrospectivo, e hoje a cinematografia encontra-se de tal forma ao alcance de qualquer bôlsa que é de admirar haver famílias que a não utilizem como documento valioso dos grandes momentos da sua existência.

Há muitos indivíduos que se servem ainda da fotografia talvez por desconhecerem as inúmeras possibilidades que o Cinema permite. Referimo-nos, claro está, à cinematografia em formato reduzido, e é esta, sem dúvida, a sua melhor aplicação.

Presentemente a cinematografia é muito mais acessível que a fotografia. Há aparelhos de filmar que são 50 % mais baratos que uma máquina de fotografar. E a película cinematográfica, embora se suponha erradamente o contrário, é mais barata que a fotográfica. E para melhor elucidação entendemos ser preferível consultar os catálogos das casas da especialidade, por ser desnecessário estarmos aqui a transcrever números.

Não são só estas as possibilidades da cinematografia de formato reduzido como documento familiar.

As excursões, os passeios, tudo pode ser impressionado em película, para depois recordar, aos que foram e mostrar aos que ficaram, as peripécias sucedidas durante essas viagens. Os lugares visitados e as paisagens observadas são projectadas no «écran» e os que por lá andaram explicam certos pormenores do que se está vendo.

Ver êsses filmes equivale a reviver o prazer que êsses passeios nos trouxeram.

* * *

Achamos que os portugueses deviam utilizar o cinema com mais assiduidade. Cêrca de quatro mil indivíduos praticam no nosso país o amadorismo cinematográfico.

Evidentemente que só uma pequena percentagem o faz por amor ao cinema, o que em relação aos milhentos amadores de fotografia é bem pouco. Mas deixemos isto para melhor ocasião.

De resto a nossa missão, é apenas lembrar a existência desta interessante modalidade aos que praticam fotografia.

AMADORES!

Se tiverem alguma consulta a fazer sôbre cinema de amadores, escrevam directamente para esta secção e não para Bel--Tenebroso, que anda preocupadíssimo com a avalanche de cartas que esperam resposta.

ACTIVIDADE

★ Mateus Júnior procede aos trabalhos finais da sua última produção: «Casas brancas sôbre o rio», tendo como colaboradores, Álvaro Antunes técnico de laboratório e José Coelho Virgílio técnico de som.

★ O amador Jorge Rocha pôs de parte a ideia de realizar agora o documentário cultural sôbre a patinagem artística.

★ Carlos Tudela, apesar da atarefadíssimo com os trabalhos da secção do Rádio Graça, não desiste de filmar «O Feiticeiro da Floresta» e garante que iniciará brevemente os respectivos trabalhos de filmagem.

★ O dr. António de Menezes prepara-se para nos oferecer uma sessão de filmes polacos, austriacos e alemães.

★ Intitula-se «Ilusão» o novo filme que Jorge Rocha prepara activamente e cujas filmagens se devem iniciar dentro de breves dias.

★ Carmelino Callaya, que realizou parte da produção: «O amor e... uma cigana», desligou-se de Fernando Capucho, produtor do filme. Há quem alvitre a mudança do título para: «O amor e... as obras de Santa Engrácia».

★ Consta-nos que Fernando Ponte e Sousa vai fazer um novo filme de bonecos animados.

★ Que será feito da S. F. A. do Pôrto?

Sabemos que alguns dos seus componentes se desligaram, mas isso não é razão para acabar êste curioso agrupamento de amadores portuenses.

Gustavo de Sousa, Manuel Ferraz, quando temos fitas e notícias vossas?

★ Estácio de Barros, autor do documentário «Évora», filme interessantíssimo apresentado há anos, está colaborando com José Coelho Virgílio, o amador que desenvolveu em Portugal o registo de sons nos filmes de amadores.

★ Álvaro Antunes, garante que não fará nenhum filme êste ano.

Não acreditamos, o autor de «Quadra Festiva» nunca diz o que pensa realizar, porque prefere apresentar obras sem as prometer.

★ Somos informados que Jaime Valverde, ex-componente da S. F. A. do Pôrto, acidentalmente em Coimbra, pensa aliar a si alguns entusiastas por cinema e produzir na cidade universitária um filme de amadores.

★ Augusto Romariz, principal dirigente da A. D. A. filmes (agremiação portuense), prepara dois filmes de enrêdo, que já principiou a filmar.

★ Na próxima primavera parte para o norte Eduardo Zarco que ali vai realizar com a colaboração de Lopes Fernandes e Augusto Romariz, a cultural «Cidade em Flor».

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

472 — JOE MAX *(Tôrres Vedras)*. — As críticas de *Animatógrafo*, melhor do que eu, te dirão quais os filmes que não deves deixar de ver. — Êste leitor deseja cartear-se com consulentas desta secção, na idade das ilusões, isto é: dos 16 aos 19 anos.

473 — LESLIE HOWARD *(Coímbra)*. — Dizes-me que te parece que não caíste em graça cá na casa?! Que ideia, amigo! Se até te consideram o melhor intérprete do ano! — *Um rapaz sem pseudónimo* está bem e recomenda-se. Anda agora às voltas com um romance, que lhe não deixa tempo para nada. — Se *há* 20 anos já ias ao Cinema podes, com tôda a certeza, inscrever-te no *Clube do Animatógrafo*. — Para obteres uma foto da Deanna Durbin é indispensável enviar pelo menos 25 cents, em selos do correio dos Estados Unidos, em cupões internacionais, ou outra fórmula qualquer, que uma Casa Bancária te indicará.

474 — EU TENHO UMA FRANÇA *(Castro Daire)*. — Sou incapaz de abrir excepções, para «não responder» às pessoas que me consultam. A regra, nestas páginas, pode anunciar-se do seguinte modo: «não há cartas que justifiquem excepções». — Podes escrever à Deanna Durbin em português. — *O Ditador* não é um filme de Eddie Cantor, mas sim de Charlie Chaplin. — Faço votos por que o ambulante te leve aí bons filmes.

475 — CAMINHEIRO SOLITÁRIO *(Montemor-o-Novo)*. — A tua ideia dum jantar de homenagem à minha pessoa, não é viável por duas razões: 1.º) Como ente etéreo, invisível e volátil, não tenho aparelho digestivo, e, portanto, não posso comer; 2.º) Não me parece fácil arranjar uma casa onde pudessem caber todos os meus consulentes! — Todos os números de *Animatógrafo* trazem a indicação das fotos em separata que lhe dizem respeito. — Assinante não é o leitor que compra todos os números, mas sim aquele que recebe a revista em sua casa, por intermédio do correio, enviada pela administração, a pedido do leitor, que assegurou o pagamento adiantado dos números a que tiver direito.

476 — DOIDO POR MÚSICA. — Agradeço-te que me envies a letra das canções do filme a que te referes. Pela minha parte, procurarei obter a que te interessa. — Dum modo geral, o Brasil vê antes de nós os filmes americanos. Razões? A importância e a vastidão do mercado; a proximidade de Hollywood; o facto de tôdas as firmas produtoras estarem directamente representadas no Rio de Janeiro, e, até a circunstância do nosso verão coincidir com o inverno dêles. Isto é: quando nós começamos a pensar na Praia, no Mar e no Campo, os nossos amigos brasileiros têm, na tela, as primeiras estreias da temporada.

477 — PRIMAVERA *(Lisboa)*. — Podes deitar fora a tua máquina de adivinhar... Não sou quem supões. Mas aceito de bom grado o puxão de orelhas, lamentando apenas que a tua cartinha, num papel tão bonito, seja apenas para me trazer essa mensagem que eu não mereço...

478 — NINETTE *(Pôrto)*. — Calculo o teu desgosto com o facto de a Fox ter escorraçado a tua Shirley. Mas Hollywood não se compadece com outra coisa que não seja o que ela julga os seus interêsses. Daí, terem despedido a *Princesinha*, como se fôsse uma criada entrada de véspera... Agora, ela está na Metro e vai interpretar o seu primeiro filme ao lado de Mickey Rooney e de Judy Garland. Sem pretensões a *Bandarra*, tenho a impressão de que êste filme marcará o ponto final da sua carreira... Temo que ela não resista à *presença* dos seus dois parceiros! — A sua letra é deliciosa! Para mim, a letra mais bela é aquela que eu entenda melhor... Um dia, hei-de afixar na porta da Redacção uma carta de *Donalda*, se vv, querem ver o que é uma letra elegantíssima, de fazer desesperar o falecido Lord Carnavon, egiptólogo e paleógrafo eminentíssimo...

479 — BALALAÏKA *(Lisboa)*. — A carta a que respondo é dum pessimismo, confrangedor. Parece arrancada às páginas de *Paulo e Virgínia*... Quem te disse que eu te não quero responder?! Se eu pudesse, era pessoalmente que escrevia a todos vós! — Na presente temporada, não veremos mais nenhum filme de Shirley Temple. — *Lobos da Serra*, de J. Brum do Canto, é, à data, o único filme português em realização. — Transmito as tuas saüdações amigas a *I love Shirley Temple, Conde Axel de Fersan da Suécia* e *Luiz XV*.

480 — LUIZ XV *(Lsiboa)*. — A meu ver, o mau Cinema ambulante é um verdadeiro atentado ao espectáculo cinematográfico. Trataremos do assunto, brevemente. — O nosso simpático leitor *Luiz XV* agradece e retribui a *Ninnon* as saüdações que lhe enviou. E cumprimenta efusivamente *Maria Cotovia*, que tenho a impressão de que anda a coleccionar certos reclames de determinada marca de aparelhos de rádio, por causa dos retratos que os ilustram. — Também tenho pela Judy Garland uma simpatia muito especial. O que prova, mais uma vez, que «les beaux esprits se recontrent»...

481 — ROSA NEGRA *(Lisboa)*. — Esta gentilíssima leitora enviou-me 66 fotos de artistas de Cinema 18 × 24, tôdas elas das mais bonitas recentes, para que eu as ofereça em troca (à razão de três por cada exemplar), aos leitores que lhe enviarem os seguintes números da *Imagem*, que lhe faltam na sua colecção: 27 a 36 (inclusivé), 39-40-44-47-66-70 a 76 (inclusivé) — Os leitores que quiserem trocar êsses números pelas respectivas fotos deverão enviá- los sem demora a Bel-Tenebroso, que se responsabilizará pela remessa das mesmas fotos já em seu poder.

482 — BENJAMINA *(Lisboa)* Também estive a brincar consigo! Nunca pensei que pudesse tomar a sério aquelas palavras... V. já conhece Bel-Tenebroso, há muitos anos, para saber que não era possível eu zangar-me «de verdad»... «Tout est bien»... — O Basil Rathbone é fora de dúvida um artista espantoso. Desde *Romeu e Julieta* que o tenho em conta muito especial. E lamento que Hollywood lhe não dê papéis fora dos «cínicos», pois estou convencido que o caso de Powell se repetiria. — Quando me escrever uma carta com a tal letra bonita, alinhada, palavras difíceis, acentos e vírgulas no seu lugar, não a lerei. Quero cartas de *Benjamina* sem espartilhos nas ideias e sem serem desenhadas... — Espero que se resolva a ir ver *Pôrto de Abrigo*. Quanto mais não seja para melhor poder avaliar o valor dos outros filmes portugueses. — De coração, não preciso. Tenho cá um, à moda do Minho, tão garrido e enfeitado, que é mesmo um regalo — Notícias de R. S. P.? Estranha pregunta. Êle está convencido de que V. transformou o R. S. P. em R. I. P...

483 — SCARLET *(Lisboa)*. — Vou fazer o possível por obter as letras das canções que te interessam, ou seja *Dans mon cœur*, do filme de Danièle *Regresso ao lar* e a de *Sinfonias Modernas*. — Charles Trenet continua vivo e são. Foi um boato que, felizmente, se não confirmou.—Consta, de facto, que a Deanna Durbin tenciona casar, e se o não fizer, não é por falta de pretendentes... Ela deve ter «l'embarras du choix». — A *minha* Dorothy prepara-se, ao que se diz, para me pregar partida. Vamos a ver... Quando o ciclone se fez sentir sôbre Lisboa, ainda tive esperança de a ver atravessar o Terreiro do Paço, com o seu «pareo» ou «sarong» de ramagens... Mas afinal, só quando o vento sopra na tela é que ela aparece... — Veremos êste ano Gary Cooper em *A última Fronteira* (The Westerner) de William Wyler. — Achei graça à naturalidade com que preguntas: «Quando se divorcia o Robert Taylor?». Se a Barbara Stanwyck soubesse, ficaria muito contente contigo. — Por mim, gostei de ver o Fred e a Eleonor, «mano-a-mano». Mas já não és a primeira leitora, que me diz o mesmo e que os prefere separados...

484 — ANTÍNEA *(Lisboa)*. — O Cinema tem vulgarizado a noção de que o desporto é essencial à saúde e à estética da mulher. Mas é preciso não caír no êrro de supor que qualquer desporto serve essa finalidade. As raparigas americanas, desde tenra idade, cursam escolas de dança e gimnástica rítmica. E êsse, afinal, é o segrêdo da sua linha, da sua «souplesse» e da graciosidade dos movimentos: «Quand elles marchent ont dirait qu'elles dansent...»! O *basketball*, o *volley* e o ciclismo são desportos admiráveis, mas precisam de ser cultivados com inteligência, quando não dão resultados contraproducentes. — O título original de *O novo amor de Andy Hardy* é *Andy Hardy get's a spring fever*, que é como quem diz: *Andy Hardy apanhou a febre da Primavera*... E a «febre da Primavera» não sei se tu o sabes: é o Amor!

485 — FLOR DOS ALPES *(Pôrto)*. — Podes ter a certeza de que não mereço o «puxão de orelhas» com que tu me queres mimosear, pelo facto das minhas respostas levarem muito tempo. — Ignoro a data da estreia de *It's a date*. É possível que o filme seja estreado primeiro no Pôrto. — Estou certo de que a estas horas já estás mais contente comigo. Com efeito, esta é a 4.ª ou a 5.ª carta a que te respondo.

486 — DONALDA *(Lisboa)*. — Faço votos pelas tuas rápidas melhoras. Espero que tenhas tomado a nuvem por Juno, e que o caso não seja de molde a entristecer-te. — *Donalda* saúda *Benjamina*, muito embora diga que não tem dado muito aso a que ela diga que «Donalda» anda sempre às bicadas, nesta secção... Ignoro a identidade do leitor que pediu para se cartear contigo. — Fico aguardando notícias tuas, cem por cento alegres e optimistas.

487 — UM ADMIRADOR DE SILVIA SIDNEY *(Lisboa)* — Estás completamente enganado, no que diz respeito à minha identidade! Mas não desanimes!... Talvez, um dia, consigas acertar — Para me escreveres não necessitas de aguardar resposta. Podes escrever-me tôdas as semanas, todos os dias, a tôdas as horas... — Em rigor, os argumentos, mesmo os mais bem engendrados, têm o seu calcanhar de Aquiles, no final. Lá diz a sabedoria das Nações: o rabo é o pior de esfolar. De modo que acho absolutamente compreensível que não tenhas gostado dos desfechos dos dois filmes a que te referes. — *A Canção da Terra* foi filmado na Tobis Portuguesa, mas não é produção desta firma. — Silvia Sidney nem é russa, nem chinesa. Nasceu em Nova-York, a 8 de Agôsto de 1910. — Transmito a *Dinhamá* o desejo que tens de te cartear com ela.

Bel-Tenebroso



CAROLE E GRAVEY

Carole Lombard foi a última banhista de Mac Sennett, a derradeira representante dos grupos famosos de formosíssimas raparigas que desde 1917 até 1926 alegraram e deliciaram as plateias dos cinemas de todo o mundo, servindo de aliciante e imprescindível pano de fundo às estravagâncias de Ford Sterling e de Ben Turpin, de Chester Conklin e de Billy Bevan, os cómicos «atittrés» das farsas disparatadas e malucas do velho Sennett. Sennett.

Como outras pupilas de Mack Sennett, Carole Lombard demonstrou bem possuir asas para mais largos vôos.

Disso é testemunha a sua brilhante carreira, dum ecletismo que chega a causar admiração pela variedade, pela justeza pela segurança das suas criações. Da comédia ligeira ao drama intenso, da alta comédia à farsa desabrida tudo tem ela feito com a mesma inteligência, com igual probidade, com idêntico relêvo. São provas visíveis disso filmes como «Século Vinte e «Nada é Sagrado», «Doidos Milionários» e «Bolero», «Amor antes de almôço» e «Confissão».

Vamos agora vê-la, de novo, numa comédia deliciosa, que S. I. F. nos vai apresentar, em que tem Fernand Gravey por «parceiro» — «Escândalos de Amor».

Foi em Fort Wayne, uma cidadezinha perdida no Estado de Indiana que a 6 de Outubro de 1909 veio a êste mundo Jane Piters, ou antes Carole Lombard. O teatro foi, desde garota, a sua mais séria paixão, a verdadeira obsessão de todos os momentos. Mas foi o cinema que lhe deu popularidade e riqueza...

Carole foi de 26 de Junho de 1931 até fim de 1933 a mulher de William Powell, e é, agora, desde 29 de Março de 1939, a feliz espôsa de Clark Gable. a caça e as corridas de «out-board» são os seus desportos favoritos. Vive afastada de Hollywood, em Encino, 4525 Petit.

O teatro estava-lhe na massa do sangue. Desde muito novo que o jovem Fernand Martenis sentia uma irresistível atracção pela ribalta. A convivência com artistas dos teatros de Paris, que habitualmente freqüentavam, em «tournée», o teatro das Galeries Saint Hubert, de Bruxeles, de que seu pai era director, mais contribuia ainda para o seu amor pelo teatro. A outra guerra porém, põe um compasso de espera nas ambições do jovem belga.

Com a vinda do armistício, e depois de cumprido o seu serviço militar, Fernando Gravey instala-se em Paris, começando para a êle a existência apagada e monótona de modesto actor.

Uma revista de Rip tira-o do anonimato, e mais tarde, o famoso «Mistigri» de Marcel Achard, de que êle foi criador, lança-o dum momento para o outro, para a fila dos nomes mais celebrados do teatro francês. Fernando Gravey é agora o menino bonito de Paris, o seu grande cartaz!

Se o fonocinema não tivesse surgido, era muito natural que o écran jámais reflectisse a silhueta simpática e expressiva de Fernand Gravey. Mas o facto deu-se. E Gravey foi uma das primeiras grandes vedetas de cinema sonoro europeu, quando interpretou para a Paramount o seu inolvidável «Cabeleireiro de Senhoras», primeiro passo duma carreira extraordinàriamente preenchida — cêrca de 24 filmes em menos de oito anos!

Assim se expliua a ausência absoluta feita ao teatro pelo intérprete de «Guerra das Valsas» e de «Eu de Dia e tu de Noite»; de «Se eu fôsse o Patrão» e «Fanfarra do Amor»; de «Piedosa Mentira de Nina Petrovna» e de «O Rei e a Corista».

Fernand Gravey que vai aparecer brevemente no filme de S. I. F. «Escândalos de Amor» é casado com a actriz Jane Renouard, que abandonou completamente o teatro para se dedicar ao marido. É um caricaturista de talento e um cavaleiro emérito.

J. DE C.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



GARY COOPER e MADELEINE CARROL no filme «OS SETE CAVALEIROS DA VITÓRIA», da Paramount

ÉSTE NÚMERO CONTÉM DOIS RETRATOS-BRINDE: ALICE FAYE E HENRY FONDA